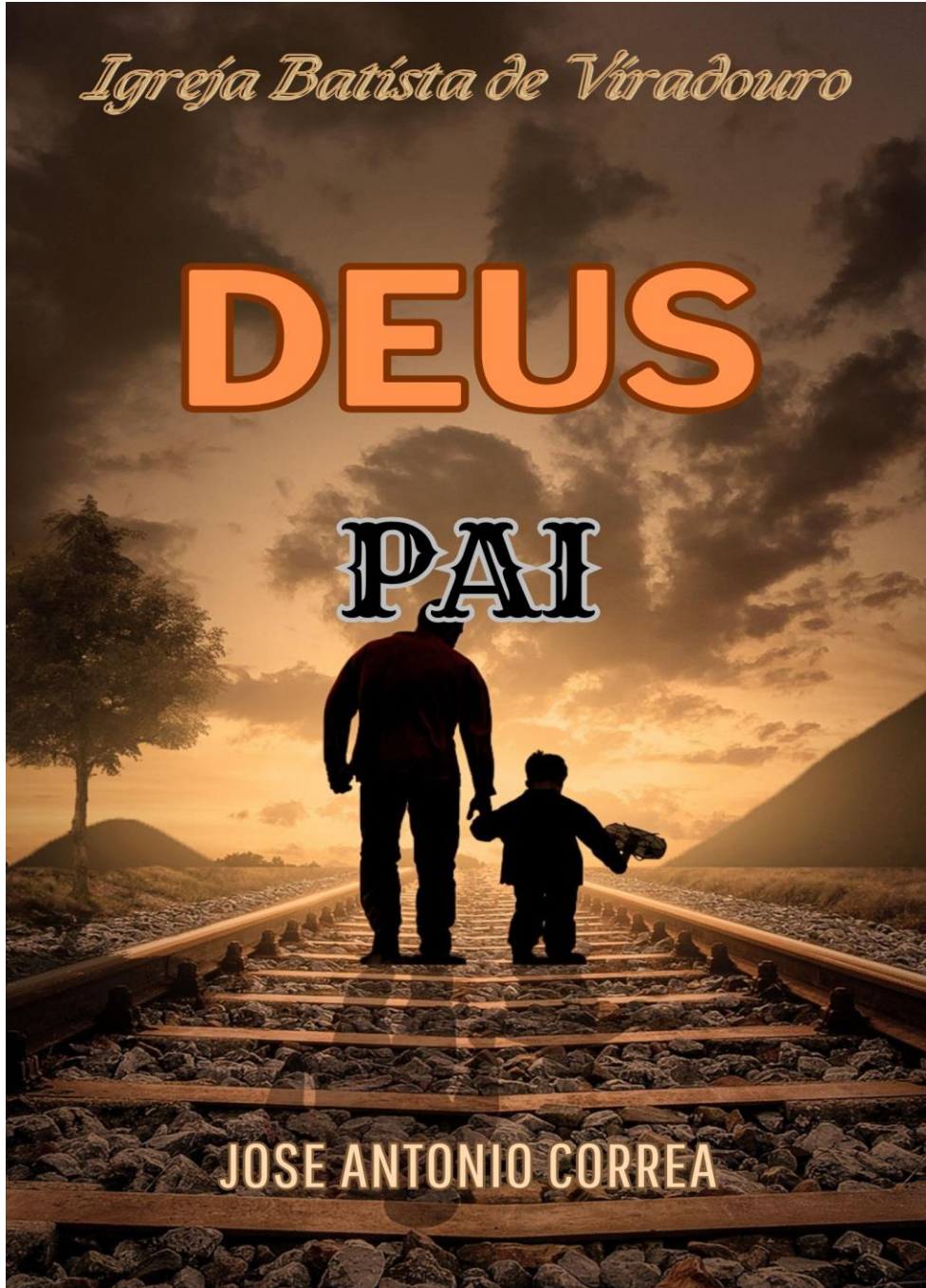


*Igreja Batista de Viradouro*

**DEUS**

**PAI**

**JOSE ANTONIO CORREA**





Edição - 2024

Transcrição, revisão e estilização:

Capa: José Antônio Corrêa

Igreja Evangélica Batista de Viradouro

Rua São João, 910

Bairro Centro

14740-000 Viradouro, SP

Contato: (0xx17) 99221.3042

[www.ibvir.com.br](http://www.ibvir.com.br)

E-mail: [correa248@hotmail.com](mailto:correa248@hotmail.com)



## DEUS PAI

A palavra “pródigo” de acordo com os dicionários da língua portuguesa, nos fala do indivíduo “que esbanja, desperdiça, ou gasta mais do que possui ou necessita”. Ou seja, tem a ver com alguém que vive de aparências. A parábola do filho pródigo nos mostra uma imersão não só sobre assunto tratado em seu corpo, mas também fala do nosso afastamento de Deus. Através do presente Ebook, espero que você conheça melhor os ensinamentos claros e implícitos nessa história!



## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>I. COMO PAI DEUS RESPEITA, E NÃO INTERFERE EM NOSSAS DECISÕES.....</b>	<b>13</b>
<b>II. COMO PAI DEUS NOS AMA.....</b>	<b>76</b>
<b>III. COMO PAI DEUS NOS RESTAURA... </b>	<b>151</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>249</b>

<sup>11</sup> Jesus continuou: Um homem tinha dois filhos. <sup>12</sup> O mais novo disse ao seu pai: Pai, quero a minha parte da herança. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. <sup>13</sup> Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. <sup>14</sup> Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. <sup>15</sup> Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. <sup>16</sup> Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. <sup>17</sup> Caindo em si, ele disse: Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! <sup>18</sup> Eu me porei a

caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. <sup>19</sup> Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados. <sup>20</sup> A seguir, levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou. <sup>21</sup> O filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho. <sup>22</sup> Mas o pai disse aos seus servos: Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. <sup>23</sup> Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar. <sup>24</sup> Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado. E começaram a festejar”, Lc 15.11-24.



## INTRODUÇÃO

Esta parábola é conhecida nas Escrituras como “A Parábola do Filho Pródigo”! No entanto, podemos afirmar que esse título não é muito bem adequado, uma vez que fica bem claro, que o texto não trata de um filho como personagem principal, mas de um pai.

Lendo atentamente a parábola percebemos que ela retrata um pai misericordioso. A história começa falando desse pai – “certo pai tinha dois filhos”, v.1, e termina com o pai falando: “Mas nós tínhamos que comemorar e alegrar-nos, porque este seu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado”, v.32.



A parábola também precisa ser entendida à luz de outras duas parábolas que a antecedem no mesmo capítulo do Evangelho de Lucas, as quais são: A parábola da ovelha perdida, e a parábola da dracma perdida.

Antes de proferir as três parábolas desse capítulo, Jesus estava sendo criticado por participar de festas e banquetes com pessoas mal vistas aos olhos do povo, e principalmente aos olhos da elite religiosa judaica.

Para os líderes religiosos judaicos, tais pessoas não deveriam merecer nenhuma





atenção, e o fato do Senhor se relacionar com elas, provocava neles certa indignação - “murmuravam os fariseus e escribas dizendo: este recebe pecadores e come com eles”, v.2.

Jesus então, contou três histórias! Os fariseus durante seus ensinamentos tinham o hábito de seguirem sempre o método rabínico. De acordo com esse método, cada argumento de ensino proposto, deveria conter três provas que o apoiavam, dando assim validade ao conteúdo que estava sendo ensinado!

Seguindo o método rabínico, Jesus também usou três argumentos em defesa de seu ponto de vista:



- Falou de uma ovelha perdida, em que o personagem central não é a ovelha, mas o pastor - “qual é o homem que possuindo cem ovelhas”, v.4. É o pastor que possuía cem ovelhas, perde uma, e sai para procurá-la;

- Falou também da moeda perdida em que, na realidade, a personagem central não é a moeda, mas uma mulher - “qual é a mulher que tendo dez dracmas se perder uma ...”, v.8.

- E, falou de um filho perdido, e de um filho recatado, cujo personagem principal é o pai amoroso, – <sup>“22</sup> Mas o pai disse aos seus

servos: Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. <sup>23</sup> Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar”, vs.22-23.

Portanto temos um pastor que possui cem ovelhas, uma mulher que tem dez moedas, e um pai que tem dois filhos. Das cem ovelhas uma se perde, das dez moedas uma se perde, e dos dois filhos um se perde.

Evidentemente que essas três histórias são contadas por Jesus, para mostrar o caráter, o amor, e a misericórdia de Deus, na busca ao perdido – “O Filho do homem veio para salvar o que se havia perdido”, Mt 18.11.

A pergunta que fazemos é a seguinte: O que Jesus está mostrando nessa parábola do filho pródigo em relação ao caráter de Deus? Ele está descrevendo o caráter do pai, o principal personagem da parábola, e que na realidade, representa Deus!

Basicamente o caráter do pai demonstrado na parábola pode ser resumido em uma expressão: Ele é um pai misericordioso. Ele é misericordioso com o filho que partiu, e também é misericordioso com o filho que ficou.

Embora o filho que ficou fosse em linguagem popular um “mala sem alça”, o pai foi misericordioso com os dois. Ele foi misericordioso com aquele que foi inconsequente nas suas atitudes e decisões, e foi misericordioso com aquele que fez cobranças indevidas.

Queremos caminhar fazendo três observações baseadas na experiência do relacionamento deste pai com os dois filhos:

## **I. COMO PAI DEUS RESPEITA, E NÃO INTERFERE EM NOSSAS DECISÕES**

Certas pessoas tomam atitudes erradas, profundamente equivocadas, e depois quando chegam às consequências funestas de suas decisões, tentam culpar a Deus. Questionam: Por que Deus permitiu? Por que Deus deixou que isso acontecesse?

Na realidade, o que queremos dizer em nossas considerações, é que Deus respeita as decisões que tomamos, sem fazer qualquer interferência! Às vezes, ele até mesmo nos avisa através de sua Palavra, que

se persistirmos por determinado caminho, iremos nos dar mal! Porém, ele permite que caminhemos nossa própria jornada, tomando nossas próprias decisões!

Voltemos ao texto: “Certo homem tinha dois filhos. O mais moço diz: pai, dá-me a parte dos bens que eu quero botar o pé na estrada e andar pelo mundo”.

Com certeza o pai tinha convicção de que o filho se daria mal! Todo pai cuidadoso sabe o filho que tem, e conhece seus filhos profundamente. Mesmo sabendo que seu filho se daria mal, ele colocou grande parte de seus bens em suas mãos.

Com certeza o pai sabia que a coisa não terminaria bem, como não terminou! Mesmo assim, ele permitiu ao filho ajuntar o que recebera e partir. Por que não o segurou? Porque não o deteve? Com certeza poderia tê-lo impedido, caso quisesse!

Assim como o pai da parábola, Deus é um pai que respeita as nossas decisões, e permite que andemos com nossas próprias pernas!

Certas pessoas fazem perguntas inconvenientes, tais como: Deus sabia que o homem ia pecar? Sabia. Então, por que ele não fez o homem à prova de pecado? Por



que Deus não o fez à prova de erros? Por que não nos fez sem qualquer possibilidade de falharmos?

Deus não nos fez como máquinas programáveis, bonecos, ou como robôs. Ele nos criou livres, com capacidade própria para pensar e decidir. Porém somos também responsáveis, por tudo o que venhamos fazer.

Vivemos hoje uma sociedade científica, e tremendamente avançada, onde temos a tecnologia 5G, uma rede de internet potente e veloz, que traz comunicação mundial perfeita, e em tempo real, estamos na era da Inteligência Artificial, que dá às máquinas

capacidade para pensar, e agir como seres humanos, além de tantos outros avanços em todas as áreas da ciência!

Mesmo nessa sociedade moderna, ainda existem pessoas inteligentes que acreditam, que as suas decisões, e o seu caráter, podem ser decididos pela configuração dos astros, e, muitas delas, se tornam vítimas de horóscopos, e de adivinhações.

Há também pessoas que acreditam que as nossas decisões, e a nossa vida, decorrerem em função das letras de nosso nome. Um exemplo interessante aconteceu com Fernando Collor de Mello, ex-presidente da república, que recebeu orientação de uma

numeróloga para mudar a sua assinatura, e isso afastaria dele todas as energias negativas. Mudou a assinatura, e na semana seguinte sofreu Impeachment.

Há outros que acreditam que o caráter, a vida, e as coisas mudarão para eles, de acordo com o perfume que usam, e vivem a vida na dependência da aroma terapia!

A aroma terapia tem a ver com uma antiga arte e ciência de misturar óleos essenciais extraídos de plantas e outros compostos vegetais, para equilibrar, harmonizar, e promover a saúde do corpo e da mente.

Outros, ainda, vivem como dependentes da cromoterapia, a prática pseudocientífica que utiliza a luz de diferentes cores no tratamento de doenças. Os cromo terapeutas alegam que este método é capaz de equilibrar as "energias" do corpo!

Normalmente essas pessoas, embora sejam inteligentes e cultas, se recusam a crer em sua própria capacidade. Preferem confiar nessas superstições e pseudociências, que em Deus, que nos ama e protege.

Deixando para trás essas superstições e voltando ao nosso tema principal, citamos Emmanuel Kant, um filósofo alemão famoso

que disse: “... não se ama por decreto”. Amor não se impõe, se estabelece, se conquista.

Diante disso, podemos dizer que jamais amaríamos a Deus, caso fôssemos feitos à prova de erros, e sem a capacidade de raciocinar e agir! Um ditador pode ser temido, obedecido, mas dificilmente será amado.

Raciocinamos, decidimos, somos responsáveis pela nossa vida, e, por tudo o que fazemos! Não podemos culpar astros, ou o número de letras de nosso nome, bem como aroma, pirâmide, galinha preta, encruzilhada, duendes, ou quaisquer outras coisas, por não nos darmos bem.

Nós construímos nossas decisões! Fazemos a nossa vida! Este é o ensino bíblico. O homem é um ente responsável, com capacidade de escolher, e de tomar decisões! Ele pode tomar as decisões que deseja, mas será responsável por cada uma delas,

Ec 11.9, “Alegre-se, jovem, na sua mocidade! Seja feliz o seu coração nos dias da sua juventude! Siga por onde seu coração mandar, até onde a sua vista alcançar; mas saiba que por todas essas coisas Deus o trará a julgamento”.

Eu sou responsável pelos meus atos, e não meus pais! Eu sou o que sou, porque quero, e não fruto, ou consequência da sociedade em que vivo! Não são as influências negativas ou positivas, que determinam a minha vida, mas o que eu decidir.

Na verdade, eu sou fruto de minhas decisões,

Gl 6.7-8, “<sup>7</sup> Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá. <sup>8</sup> Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna”.

Cada um de nós não é vítima, mas agente.  
Cada um de nós não é produto do meio, mas  
senhor do nosso próprio destino.

Sabemos de muitas pessoas que foram criadas em ambientes corrosivos, mas, se tornaram pessoas decentes e de excelente caráter! E, conhecemos muitos filhos de crentes, e até filhos de pastor, criados na igreja, e que se tornaram verdadeiras escórias na vida. Foram moldados por suas decisões, e não pela influência do meio ambiente!

Deus é um pai que respeita, e o que você deseja fazer com a sua vida! Ele não vai impedir nada do que você queira fazer. Ele



permite que você seja o senhor da sua vida, mas que também beba de suas consequências!

Como disse Robert Louis Stevenson: “Todo mundo mais cedo ou mais tarde se senta para um banquete de consequências”.

Não há motivo para culparmos mãe, pai, e pessoas, pelo que somos hoje! É falso o discurso sociológico atual de que tudo o que somos, é proveniente da pobreza, miséria, e de que somos produto do meio!

Há educadores que defendem uma educação ampla, com métodos educacionais modernos

e eficientes, como salvaguarda da sociedade! Para tais pessoas, quanto mais educado for o homem, menos problemático será. Porém é falsa tal premissa, uma vez que os piores criminosos são os “educados”, que se alojam entre os de colarinhos brancos, e, portanto, distantes das favelas e dos menos favorecidos!

A responsabilidade pela vida que temos ou levamos, sempre é nossa! Este é o ensino bíblico: Deus nos criou como pessoas capazes de tomar decisões! Em contrapartida, ele nos responsabiliza pelas decisões que tomamos.

Portanto, temos o livre arbítrio para escolher o que queremos, e arcar com a responsabilidade do que escolhemos ser ou fazer.

Vamos descrever agora sobre alguns princípios sobre “exercício errado” do livre arbítrio e suas consequências:

a) Podemos usar de maneira errada o livre arbítrio, quando não ouvimos a Palavra de Deus.

Zc 7.11-12, <sup>11</sup> Mas eles se recusaram a dar atenção; teimosamente viraram as costas e taparam os ouvidos. <sup>12</sup> Endureceram o

coração para não ouvirem a Lei e as palavras que o Senhor dos Exércitos tinha falado pelo seu Espírito por meio dos antigos profetas. Por isso o Senhor dos Exércitos irou-se muito".

O povo de Israel dos dias do profeta Zacarias, havia deixado de atender à voz de Deus! Simplesmente “viraram as costas e taparam os ouvidos”! Virar as costas e tapar ouvidos tem a ver com rebelião contumaz, e desobediência teimosia!

Descreve o texto que eles endureceram seus corações para não ouvir “as palavras que o Senhor dos Exércitos tinha falado pelo seu Espírito”! Essa dureza de coração provocou a

ira de Deus sobre eles. O Senhor “irou-se muito”!

Jr 11.10, “Eles retornaram aos pecados de seus antepassados, que recusaram dar ouvidos às minhas palavras e seguiram outros deuses para prestar-lhes culto. Tanto a comunidade de Israel, como a de Judá, quebraram a aliança que eu fiz com os antepassados deles”.

Nesse texto profético de Jeremias, observamos o povo voltando a praticar antigos pecados, e pior ainda, se recusando a dar ouvidos à Palavra de Deus! Estavam adotando “deuses para prestar-lhes culto”. A aliança de Deus com seus antepassados,

garantia das promessas, e do favor de Deus, fora quebrada – “Tanto a comunidade de Israel como a de Judá quebraram a aliança que eu fiz com os antepassados deles”.

O rompimento da aliança do concerto estava levantando barreiras, muros, entre Deus e seu povo – “Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito; visto que eles não permaneceram fiéis à minha aliança, eu me afastei deles, diz o Senhor”, Hb 8.9. O texto é claro: Como o povo não permaneceu fiel à aliança divina, Deus se afastou deles – “eu me afastei deles, diz o Senhor”.

Quando nos esquecemos da aliança do Calvário, nos afastamos de Deus, e ele também se afasta de nós – <sup>12</sup> Cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha coração perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo. <sup>13</sup> Pelo contrário, encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama hoje, de modo que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado, <sup>14</sup> pois passamos a ser participantes de Cristo, desde que, de fato, nos apeguemos até o fim à confiança que tivemos no princípio”, H 3.12-14.

b) Usamos de maneira errada o livre arbítrio, quando realizamos ações que nos tornam “inúteis”.

Jr 13.10, “Este povo ímpio, que se recusa a ouvir as minhas palavras, que age segundo a dureza de seus corações, seguindo outros deuses para prestar-lhes culto e adorá-los, que este povo seja como aquele cinto: completamente inútil”.

Observe que eles agiam “segundo a dureza de seus corações” e, portanto, suas ações eram más e contrárias aos princípios da Palavra de Deus!

O contexto do presente versículo bíblico, nos mostra Deus ordenando a Jeremias que compre um cinto de linho, e o esconda na



fenda de uma rocha – “Pegue o cinto que você comprou e está usando, vá agora a Perate e esconda-o ali numa fenda da rocha”, v.4.

Algum tempo depois, Deus disse ao profeta que fosse buscar o cinto escondido. Porém, ele observou que o cinto havia apodrecido, para nada mais servia, e, portanto, se tornara totalmente inútil – “Então fui a Perate, desenterrei o cinto e o tirei do lugar em que o havia escondido. O cinto estava podre e se tornara completamente inútil”, v.7.

No hebraico temos o termo “shachath”, que significa “estragado”, “corrupto”, “arruinado”, “apodrecido”, “pervertido”. Assim como

aquele cinto havia apodrecido, Deus faria apodrecer o orgulho de Judá, em razão de seu comportamento errado – “Do mesmo modo também arruinarei o orgulho de Judá e o orgulho desmedido de Jerusalém”, v.9.

Assim como o cinto se tornara inútil, e, portanto, descartável, Judá por causa de suas ações pecaminosas, se tornara inútil, seria julgada, e descartada – “Expulsarei vocês da minha presença, como fiz com todos os seus compatriotas, o povo de Efraim”, Jr 7.15.

A razão do castigo divino foi porque a nação agiu com “dureza de coração”! Eles não ouviram a Palavra de Deus, seguiram outros deuses, e desonraram ao Senhor! Assim

como aquele cinto podre não tinha mais qualquer serventia, também Judá, devido a sua postura de rejeição a Deus, se tornara totalmente inútil, e seria lançada fora da presença de Deus.

Tem muitos crentes que cheiram à coisa podre, estragada, sem qualquer serventia tanto para o reino de Deus, como para os homens. Não fomos escolhidos para exalçar “mau cheiro”, “fedor”, mas o “perfume de Cristo” – “porque para Deus somos o aroma de Cristo entre os que estão sendo salvos e os que estão perecendo”, 2Co 2.15.

c) Usamos de maneira errada o livre arbítrio, quando optamos por fazer coisas que Deus abomina.

Is 65.11-12, “<sup>11</sup> Mas vocês, que abandonam o Senhor e esquecem o meu santo monte, que põem a mesa para a deusa Sorte e enchem taças de vinho para o deus Destino, <sup>12</sup> eu os destinarei à espada, e todos vocês se dobrarão para a degola. Pois eu os chamei, e vocês nem responderam, falei, e não me deram ouvidos. Vocês fizeram o mal diante de mim e escolheram o que me desagrada”.

Duas figuras ligadas à idolatria, e culto aos ídolos pagãos, práticas repulsivas e

abomináveis a Deus, são destacadas na mensagem profética:

- “Deusa Sorte” – Provavelmente uma alusão à fortuna, e ao dinheiro. A palavra “gad”, na língua hebraica sugere essa interpretação. Na verdade poderia haver também uma ligação com o deus da fortuna babilônico, ligado ao planeta Júpiter, correspondendo a Baal ou Bel. Os árabes chamavam a deusa da sorte de “a Grande Boa Fortuna”;

- “Deus Destino” – No hebraico é usado o termo “meny”, significando “destino”, ou também “fortuna”. Pode ser uma alusão ao “deus destino que os judeus adoravam na Babilônia”. Esse “deus destino” correspondia

ao planeta Vênus respondendo a Meni, “a Boa Fortuna Menor”.

De acordo com Jerônimo, antigo doutor da igreja, destacado historiador, e teólogo, “No Egito, especialmente, no último dia do ano, mesas eram dispostas para seus ídolos com todos os tipos de iguarias, juntamente com um copo contendo uma mistura de vinho e mel”. Daí a expressão do profeta: “põem a mesa para a deusa Sorte e encham taças de vinho para o deus Destino”.

Devemos lembrar que Jesus também, mencionou um deus grego semelhante como representante das riquezas, e que pode roubar dos fiéis a adoração devida a Deus: O

deus Mamon – “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e a Mamon”, Mt 6.24.

De acordo com antigas tradições, o deus grego Mamon era normalmente representado por um nobre de aparência deformada, que carregava um grande saco de moedas de ouro, e subornava os humanos com a finalidade de seduzir suas almas.

No texto de Isaías destacamos ainda a expressão: “Vocês fizeram o mal diante de mim e escolheram o que me desagrade”. Ou seja, a postura de Israel adotando e servindo

outros deuses, estava desagradando ao Senhor, o que traria sobre eles o juízo divino – “eu os destinarei à espada, e todos vocês se dobrarão para a degola”. Devemos lembrar que a espada era uma figura da morte provocada pelas guerras,

Lv 26.23-25, <sup>23</sup> "Se apesar disso vocês não aceitarem a minha disciplina, mas continuarem a opor-se a mim, <sup>24</sup> eu mesmo me oporei a vocês e os castigarei sete vezes mais por causa dos seus pecados. <sup>25</sup> E trarei a espada contra vocês para vingar a aliança. Quando se refugiarem em suas cidades, eu lhes mandarei uma praga, e vocês serão entregues em mãos inimigas”.



Ap 13.9-10, “<sup>9</sup> Aquele que tem ouvidos ouça:  
<sup>10</sup> Se alguém há de ir para o cativoiro, para o cativoiro irá. Se alguém há de ser morto à espada, à espada haverá de ser morto. Aqui estão a perseverança e a fidelidade dos santos”.

Encontramos ainda no texto de Isaías a palavra hebraica “tebach”, que é traduzida por “degola”. Essa palavra nos traz a ideia de “abate de animais”, “decapitação”, “matar separando a cabeça do corpo”. A decapitação já foi muito usada nas guerras antigas, e como pena de morte em vários países. Vale lembrar o uso da guilhotina como pena capital na França, durante a Revolução Francesa que ceifou por volta de quarenta mil vidas entre os anos de 1792 e 1799.

“A decapitação foi largamente utilizada na Europa como pena de morte, mas nem sempre com caráter político, mas muitas vezes por causas religiosas. Em algumas culturas, como a Roma e a Grécia antigas, a decapitação era considerada a forma mais honrosa de morte. Costumeiramente, a pena de morte por decapitação era reservada geralmente para reis, nobres e líderes de rebeliões. Na atualidade ainda é utilizada na Arábia Saudita com o uso de espadas. Na Índia bruxas são decapitadas por trazer má sorte e doenças” (Wikipédia).

Precisamos ter cuidado para não desagradar a Deus, perder a unção de seu Espírito que está sobre nós, e caminharmos numa vida

crisã estéril cheirando a mortos espirituais –

“<sup>20</sup> Mas vocês têm uma unção que procede do Santo, e todos vocês têm conhecimento.

<sup>24</sup> Quanto a vocês, cuidem para que aquilo que ouviram desde o princípio permaneça em vocês. Se o que ouviram desde o princípio permanecer em vocês, vocês também permanecerão no Filho e no Pai”, Jo 2.20, 24.

d) Usamos de maneira errada o livre arbítrio, quando somos envolvidos por paixões carnis destrutivas.

Rm 1.24-28, “<sup>24</sup> Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos dos seus corações, para a degradação dos seus corpos entre si.

<sup>25</sup> Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. <sup>26</sup> Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. <sup>27</sup> Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. <sup>28</sup> Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam”.

Nesse texto de Paulo de sua carta aos romanos, o apóstolo fala de pecados que conduzem o indivíduo ao pior nível de decadência e degradação humana! Observamos no corpo do texto a repetição de uma frase significativa - “Deus os entregou”, na queremos reflexionar:

- Deus “os entregou à impureza sexual”, v.24. Na língua grega temos a palavra “akatharsia”, com o significado de “impureza no sentido físico e moral”, ou “a impureza da vida luxuriosa”.

- Deus “os entregou a paixões vergonhosas”, v.26. Temos na língua original as palavras gregas “pathos” e “atimia”. Pathos significa “especificação de uma calamidade”, “de um acidente”, “um mal”, “uma aflição”, “emoção descontrolada”, “paixão”, “num sentido ruim temos ‘paixão depravada’”, “paixões vis”; Já a palavra atimia tem o significado de “desonra”, “ignomínia”, “desgraça”.

- Deus “os entregou a uma disposição mental reprovável”, v.28. Temos na língua grega a palavra “nous” – “mente”, “a faculdade intelectual, a compreensão”; e a palavra “adokimos” – “aquele não resistiu ao teste”, “não foi aprovado”, “o espúrio”, “o réprobo”.

A rejeição a Deus, e a prática contumaz de certos pecados, bem relatados neste capítulo da Carta aos Romanos, faz com que Deus abandone as pessoas que assim agem, a sua própria sorte. Em outras palavras, Deus entrega tais indivíduos as suas próprias paixões e sentimentos pecaminosos e deteriorativos.

Porém, devemos lembrar que tais pessoas não ficarão impunes, e nem mesmo ficarão isentos do juízo divino, aqueles que aprovam esse tipo de comportamento nos outros. Tais indivíduos estão sendo conduzidos à morte, tanto física, quanto espiritual,

Rm 1.32, “Embora conheçam o justo decreto de Deus, de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte, não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que as praticam”.

O crente deve se guardar das contaminações do presente mundo, para não ser envolvido em práticas abomináveis diante de Deus. Precisamos atentar ao que Pedro disse à multidão no dia de Pentecostes: “Com muitas outras palavras os advertia e insistia com eles: Salvem-se desta geração corrompida!”, At 2.40. Torna-se necessário um divórcio urgente entre esses crentes insensatos “modernos”, e a “geração humana corrompida”, que caminha a largos passos para a destruição!



Estaremos olhando agora para alguns princípios sobre o exercício correto do livre arbítrio, e os benefícios que recebemos quando o praticamos:

“Se vocês estiverem dispostos a obedecer, comerão os melhores frutos desta terra”, Is 1.19. Na versão RA temos: “Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra”.

Não podemos pensar em uso correto do livre arbítrio, sem falar em obediência! O desejo de obedecer a Deus e a sua Palavra são ingredientes importantes nesse quesito. No dizer de Isaías, “desfrutar o melhor da terra”

está associado a “ouvir Deus com disposição para obedecer”.

a) Usamos de maneira correta o livre arbítrio, quando buscamos nos aperfeiçoar nos princípios da Palavra de Deus.

2Tm 3.16-17, <sup>16</sup> Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, <sup>17</sup> para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”.

Como pudemos ver, uma maneira de usarmos corretamente o livre arbítrio é

obedecer a Deus! Quando obedecemos a Deus, e praticamos a leitura, estudo e meditação das Escrituras, ocorre o nosso amadurecimento, e somos aperfeiçoados na vida cristã.

Entendemos por “aperfeiçoar” a arte de trabalhar a matéria bruta, e refiná-la com melhorias e lapidação. É isso que a aplicação da Palavra de Deus faz em nós. Esse aperfeiçoamento é o combustível que nos prepara e capacita para a obra de Deus.

É por esse motivo que Deus também levantou e comissionou líderes, “com o propósito de aperfeiçoar os santos para a obra do

ministério, para que o Corpo de Cristo seja edificado”, Ef 4.12.

O desejo do Senhor, é que nesse aperfeiçoamento sejamos levados ao nível de crescimento, à estatura do caráter, e plenitude de Cristo – “... até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da estatura da plenitude de Cristo”, Ef 4.13.

Nesse processo, nossos pecados são confrontados, nossos pensamentos, emoções e ações são corrigidos, nos tornamos semelhantes a Cristo, e, com a finalidade de

sermos preparados para uma vida que venha a glorificar nosso Pai celestial.

Devemos destacar aqui, que ninguém é transformado por suas próprias aptidões ou capacidades, mas, pela graça de Deus que chegou até nós por Cristo. Assim como as joias lapidadas, esmeradas, ficam limpas das impurezas, somos também trabalhados, e nos tornamos a cada dia, mais semelhantes ao Senhor, e prontos para servir ao Reino de Deus na terra,

Ef 4.15-16, <sup>15</sup> Antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. <sup>16</sup> Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce

e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função”.

b) Usamos de maneira correta o livre arbítrio, quando procuramos ser limpos de todo o lixo do mundo.

Jo 15.3, “Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado”.

Para fazermos uma boa limpeza de qualquer ambiente, precisamos usar material adequado, e fazermos procedimentos adequados. Podemos dizer que a limpeza é necessária em qualquer ambiente em que as pessoas vivam, pois ela é fonte de saúde!

Para se limpar uma casa no “dia da faxina”, muitas vezes, é preciso virar a casa do avesso! Os móveis são tirados de seus lugares originais, e o ambiente fica meio bagunçado! Porém, o que importa é o resultado final da limpeza, quando o espaço fica limpo, adequado para a saúde, confortável, perfumado, e com as coisas voltando ao seu devido lugar.

A limpeza de um ambiente envolve hábitos, rotinas e sequência de tarefas. Se nos importamos com a limpeza dos ambientes externos, e achamos tempo para fazer isso, muito mais, devemos nos preocupar em

investir tempo e preparo para nossa limpeza espiritual,

2Tm 2.21-22, “<sup>21</sup> Se alguém se purificar dessas coisas, será vaso para honra, santificado, útil para o Senhor e preparado para toda boa obra. <sup>22</sup> Fuja dos desejos malignos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz, juntamente com os que, de coração puro, invocam o Senhor”.

Para o verbo “purificar” no texto, temos na língua a palavra grega “ekkathairo”, que traz a ideia de “limpar completamente”, “remover toda a sujeira”. O que podemos fazer para limpar nossa mente, alma e coração? Será que podemos usar o mesmo modelo de



limpeza de nossas casas, quando se trata de limparmos a morada do Espírito Santo que somos nós?

A Palavra de Deus é o único, e o mais excelente material, para limpar de maneira eficiente nossas almas e mentes. Devemos ter a sabedoria, e a disposição necessárias para mergulharmos na Palavra de Deus com todo o nosso coração, e usá-la com sabedoria - “Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado”, Jo 15.3.

Lembramos que essa limpeza na vida do filho de Deus não ocorre por qualquer ação ou esforço humano! É a aplicação dos princípios da Palavra de Deus em nós, que promoverá a

faxina interior que tanto necessitamos. Devemos saber que “... a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração”, Hb 4.12.

Deus, através de sua Palavra, trabalha eficientemente em nós quando o buscamos de todo o nosso coração – “<sup>12</sup> Então vocês clamarão a mim, virão orar a mim, e eu os ouvirei. <sup>13</sup> Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração”, Jr 29.12-13.

Essa ação de Deus através de sua Palavra, e de seu Espírito Santo em nós, nos ajudará e nos trará renovo! Nossas mentes e corações serão transformados e adaptados à “agradável e perfeita vontade de Deus” – “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”, Rm 12.2.

Não podemos permitir que nossas mentes fiquem estagnadas, empanturradas, e, conformadas ao mundo e seus valores! Devemos sim, buscar e viver, os princípios de Deus declarados em sua Palavra, que são infinitamente melhores e eficientes.

c) Usamos de maneira correta o livre arbítrio, quando buscamos viver uma vida de consagração.

Jo 17.17, “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”.

Hb 12.14, “Esforcem-se para viver em paz com todos e para serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor”.

Ao escolher um povo, e o separar para si no Antigo Testamento, Deus não escolheu o maior, e nem o melhor povo da terra! Ele simplesmente separou um homem, Abraão, e,

fez dele e de sua descendência um pequeno povo – o povo de Israel! Nesse processo Deus o capacitou, o preparou, e o santificou através de seus descendentes,

Dt 7.6-7, “<sup>6</sup> Pois vocês são um povo santo para o Senhor, o seu Deus. O Senhor, o seu Deus, os escolheu dentre todos os povos da face da terra para ser o seu povo, o seu tesouro pessoal. <sup>7</sup> O Senhor não se afeiçãoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos”.

Veja que o pequeno povo foi escolhido para ser um “povo santo para o Senhor”! Devemos lembrar que a palavra “santo” na língua

hebraica, é “qadowsh”, que significa “sagrado”, “separado”, “consagrado”. O objetivo de Deus é que o povo de Israel fosse um povo separado e exclusivo com o propósito de glorificar seu nome entre as nações da terra.

Assim também Deus nos escolheu, sem qualquer merecimento de nossa parte, mas inteiramente pelo seu amor e graça, mas para sermos – “... santos e irrepreensíveis em sua presença”, Ef 1.4. Na língua grega temos a palavra “hagios” traduzida por “santos”, que tem o mesmo significado de “qadowsh”.

O primeiro passo que precisamos dar para nos na direção de Deus, é receber Cristo

Jesus, como Salvador e Senhor através da fé. A fé é o elemento necessário para que miseráveis pecadores que somos, possamos nos apropriar da graça de Deus,

Ef 2.8-9, “<sup>8</sup> Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; <sup>9</sup> não por obras, para que ninguém se glorie”.

Quando recebemos Cristo mediante a fé, entramos para uma nova família, a família de Deus, e assim como Israel no Antigo Pacto, passamos a fazer parte de um povo santo, peculiar, e exclusivo do Senhor, que tem a missão de anunciar as grandezas do reino de Deus ao mundo,

1Pe 2.9-10, “<sup>9</sup> Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. <sup>10</sup> Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam”.

Devemos nos alegrar por nossa escolha e salvação, e como resposta, nos dispormos a pregar a Palavra de Deus aos homens, e assim, glorificarmos ao nosso Pai dos Céus através de nossas vidas – “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam



as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus”, Mt 5.16.

Devemos ainda, estudar e viver os princípios da Palavra de Deus, que é a verdade, e a fonte de nossa consagração. Com a verdade de Deus em nossas mentes e corações, somos protegidos do poder do diabo, nos tornamos cristãos verdadeiros, valentes e fortes, e preparados para a batalha espiritual contra os poderes do mal,

1Pe 5.8-9, “<sup>8</sup> Sejam sóbrios e vigiem. O diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar. <sup>9</sup> Resistam-lhe, permanecendo firmes na fé, sabendo que os

irmãos que vocês têm em todo o mundo estão passando pelos mesmos sofrimentos”.

O diabo nos insita para uma guerra! Anda em nosso derredor como um “leão que rugue”, tentando nos levar ao fracasso espiritual! Devemos desenvolver a sabedoria de “resistir-lhe, permanecendo firmes na fé”, entendendo que essa mesma batalha tem sido travada, a custa de muito sofrimento, não apenas por nós, mas também pelos nossos irmãos de fé em todo o mundo.

d) Usamos de maneira correta o livre arbítrio, quando não permitimos que o pecado nos escravize em nossas emoções e sentimentos.

Jo 8.32, “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”.

Devemos reconhecer que antes de conhecermos a graça de Deus, e possuir a Cristo como Salvador, e, Senhor, éramos escravos do pecado, e prisioneiros de nossos medos e traumas! Nossas mentes deformadas produziam pensamentos que nos atemorizavam! Muitos de nós convivíamos com o medo de morrer, de perder a razão, de enfrentar grandes desafios, e tantos outros temores!

O medo tem o poder de cativar pessoas com força esmagadora. Ele paralisa e subjuga nossa vontade, de tal maneira que muitas vezes não encontramos em nós coragem, e nem disposição para qualquer reação.

Quando permitimos que nossa mente fique cativa pelo medo, nosso corpo também será cativo, deformado, encurvado, flácido, e aleijado,

Hb 12.12-14, <sup>12</sup> Portanto, fortaleçam as mãos enfraquecidas e os joelhos vacilantes. <sup>13</sup> Façam caminhos retos para os seus pés, para que o manco não se desvie, mas antes seja curado. <sup>14</sup> Esforcem-se para viver em

paz com todos e para serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor”.

Tudo indica que o presente texto da carta aos hebreus é uma citação extraída do livro de Isaías – “<sup>3</sup> Fortaleçam as mãos cansadas, firmem os joelhos vacilantes; <sup>4</sup> digam aos desanimados de coração: Sejam fortes, não temam! Seu Deus virá, virá com vingança; com divina retribuição virá para salvá-los, Is 35.3-4.

As mãos enfraquecidas e os joelhos vacilantes, são características de pessoas que, mesmo sendo cristãs sinceras, se encontram doentes, vivendo uma vida de declínio espiritual! Indivíduos assim, devem

se esforçar para “viver em paz com todos e serem santos”, e buscarem um relacionamento correto com Deus, lembrando eles, que “sem santificação ninguém verá o Senhor”.

Em Cristo há cura para pessoas que são prisioneiras de suas emoções! Quantas vidas estão totalmente controladas pelos seus afetos e desafetos, onde a razão perde seu poder de ação e reação? Tais pessoas podem ser comparadas a um navio sem leme! Assim como um navio sem leme navega sem qualquer direção, levado pelos ventos e correntes marítimas, tais pessoas são levadas pelas correntes do presente mundo, vivendo sem rumo, sem proteção, e sem porto seguro onde possam ancorar.

Porém, quando conhecemos a Palavra de Deus, somos libertos desse cativeiro de submissão às mentiras e sofismas do diabo. Quanto mais conhecemos da Palavra, mais iremos viver na verdade de Deus, e conseqüentemente, mais vigorosos na fé seremos – “... fortaleçam-se no Senhor e no seu forte poder”, Hb 6.10.

e) Usamos de maneira correta o livre arbítrio, quando damos novos rumos aos pensamentos e propósitos de nosso coração.

Pv 4.20-23, <sup>20</sup> Meu filho, escute o que lhe digo; preste atenção às minhas palavras.

<sup>21</sup> Nunca as perca de vista; guarde-as no fundo do coração, <sup>22</sup> pois são vida para quem as encontra e saúde para todo o seu ser. <sup>23</sup> Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida”.

Aquele que não perde de vista os princípios da Palavra de Deus, guardando-os no “fundo do coração”, encontra “vida” e “saúde” para todo o seu ser! É certo que “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”, Mt 4.4. A vida que vem pela Palavra de Deus no íntimo, mantém o crente cheio de vigor e esperança!

De acordo com o ensino do Senhor, o coração é a fonte de todas as nossas



intenções, sejam elas boas ou más – “O homem bom tira coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, e o homem mau tira coisas más do mal que está em seu coração, porque a sua boca fala do que está cheio o coração”, Lc 6.45.

Por causa disso, precisamos buscar a Deus e sua Palavra, mas, principalmente, guardar nosso coração das atrações e contaminações do presente século! Ainda que desejemos fazer o bem, não podemos perder de vista, que o mal estará sempre diante de nós, com forte poder de atração.

Paulo aborda essa batalha que existe dentro de nós, quando se expressa dizendo que, o

mal que não queria fazer, estava sempre diante dele! Por outro lado, o bem que desejava realizar, não realizava,

Rm 7.19-20, “<sup>19</sup> Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo. <sup>20</sup> Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim”.

Nossa natureza humana e decaída está em luta contínua e feroz contra o nosso espírito recriado por Deus – “Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis”, Gl 5.17.

Precisamos conhecer o mal que habita dentro de nós, para prever nossas reações no campo de batalha da mente, e do coração. Quando nos conhecemos melhor, podemos reagir diante das situações incômodas e ruins, que são colocadas pelo nosso inimigo, para nos levar ao fracasso na vida cristã.

Somente aprofundando nas Escrituras, e no poder do Espírito Santo, podemos adquirir o conhecimento que traz discernimento acerca de nossos pensamentos e intensões mais íntimas do coração, e assim sermos preparados para essa batalha contra o mundo, a carne e o diabo.

Você é dono de sua vida, e pode fazer o que quiser dela! Porém, você será responsável diante de Deus pelas decisões que tomar! Concluimos dizendo que, Deus é um pai que respeita nossas decisões, mas que nos tornará responsáveis por cada uma delas, principalmente aquelas decisões erradas que viermos a tomar!

## **II. COMO PAI DEUS NOS AMA**

Observamos que o filho que saiu de casa foi um desastrado! Em pouco tempo a herança recebida antecipadamente virou pó em suas mãos – “Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente”, v.13.

O verbo “desperdiçou” esclarece de maneira muito clara o comportamento leviano do jovem! Em sua ganância ele jogou fora tudo quanto recebera, sem medir as consequências de seus atos!

A história que temos é a de um jovem que foi descendo ladeira abaixo, e com o freio de mão solto. No final da ladeira, e por falta de

opção, ele acabou tendo que disputar refeição com os porcos. A parábola nos informa que “Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada”, v.16.

Para quem vivia de banquetes e fartura na casa de seu pai, e agora disputando refeições com os porcos, faz-nos perceber que a coisa não havia caminhado muito bem. Ele estava agora colhendo os frutos de suas ações inconsequentes e levianas! Cumpria-se em sua vida o adágio popular: “quem não escuta conselhos, escuta ‘coitado’”!

Vamos nos concentrar no pai! Com certeza, o pai deve ter sofrido muito a ausência do filho!

Uma das coisas mais lindas na Palavra de Deus, é que o Deus, o pai das misericórdias, não é um Deus apático, mas, um Deus que sente, e que ama. O amor de Deus está acima de nossas ações e comportamentos desastrosos,

1Jo 4.10, “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”; Jo 4.19, “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”.

A grandeza do amor de Deus por nós independe do nosso estado de vida, do quanto nos distanciamos dele, e ao quanto chegamos ao fundo do poço. Ele nos ama e

deseja nos perdoar, e nos restaurar de todos os nossos pecados.

Como Criador e doador da vida, Deus se importa com cada um de nós em particular, e de maneira incondicional. O fato é: Deus nos ama porque ele é amor – “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor”, 1Jo 4.8!

No Talmude, que é um tratado da literatura rabínica dos judeus, temos a lenda de um rabino muito questionador, e racionalista que dizia que ao chegar ao céu, iria cobrar a Deus pelas mazelas que havia presenciado no mundo! Questionaria Deus por todas as coisas erradas que aconteciam, e porque ele



não tomara nenhuma providência para evitá-las!

Quando morreu, ao chegar ao céu, como diz a lenda do Talmude, o rabino perguntou onde Deus estava e lhe disseram que Deus estava em uma janela olhando para a Terra! Lá foi ele para fazer o que tinha prometido a si mesmo! Ele bateu em seu ombro, e quando Deus virou, o rabino descobriu que Deus estava chorando.

O Deus da Bíblia não é indiferente e insensível às coisas que fazemos. Um dos exemplos dessa sensibilidade divina, podemos encontrar em Jesus quando o encontramos chorando por Jerusalém, devido

ao tratamento de rejeição dado aos profetas de Deus que lhe haviam sido enviados - “Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis te recolher, te ajuntar”, Lc 13.34a.

Mesmo em sua decepção e tristeza pela postura rebelde da cidade, o Senhor usou uma figura doméstica carinhosa para descrever o seu amor por ela - “Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram!”, Lc 13.34b.

Ao usar o exemplo da galinha, Jesus demonstrou a cada um de nós, que nele podemos encontrar refúgio quando estivermos em dificuldades. Assim como os pintinhos se abrigam debaixo das asas de sua mãe quando vem a tempestade, e as ameaças dos predadores, assim também podemos nos esconder debaixo das asas do Senhor quando estivermos precisando de abrigo em momentos de turbulência – “Ele o cobrirá com as suas penas, e sob as suas asas você encontrará refúgio; a fidelidade dele será o seu escudo protetor”, Sl 91.4.

Outro exemplo da sensibilidade divina, podemos ver quando Jesus chorou diante da sepultura de Lázaro, ao ver a tristeza de suas irmãs e amigos, pela perda do ente querido –

“<sup>33</sup> Ao ver chorando Maria e os judeus que a acompanhavam, Jesus agitou-se no espírito e perturbou-se. <sup>34</sup> Onde o colocaram? Perguntou ele. Vem e vê, Senhor, responderam eles. <sup>35</sup> Jesus chorou”, Jo 11.33-35.

A Bíblia afirma que por volta de três a quatro vezes, ao se deparar com as multidões carentes e desorientadas como ovelhas sem pastor, Jesus se encheu de íntima compaixão por elas. Num desses exemplos, “Jesus chamou os seus discípulos e disse: Tenho compaixão desta multidão; já faz três dias que eles estão comigo e nada têm para comer. Não quero mandá-los embora com fome, porque podem desfalecer no caminho”, Mt 15.32.

Deus nunca sente repulsa! Ele sente amor! Sua essência é amor – “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor”, 1Jo 4.8; “o Senhor lhe apareceu no passado, dizendo: Eu a amei com amor eterno; com amor leal a atrai!”, Jr 31.3; “Deem graças ao Senhor, porque ele é bom. O seu amor dura para sempre!”, Sl 136.1.

- Falemos um pouco sobre o estado do moço,

Quando voltou para casa o jovem desperdiçador, sua condição era dramática e desesperadora. Por haver cuidado de porcos, provavelmente não estava com cheiro de

perfume Paco Rabane, ou Antônio Banderas, mas cheirava a porcos.

Também não estava vestido com calça Pierre Cardin, ou calçando sapato alemão! Chegou à casa do pai como mendigo esfarrapado, coberto de trapos e de sujeira.

- Sua recepção calorosa pelo pai,

Foi recebido com honras! Se para os homens ele se assemelhava a um dos muitos mendigos esmolambados e molambentos da Palestina, para seu pai era o filho querido que voltava!

Desconsiderando o estado molambento e esfarrapado em que o moço se encontrava em sua volta para casa, o pai “o viu de longe”, e debaixo dos trapos rasgados e sujos, ele reconheceu o filho! Aquele que para os outros era alguém repugnante, para o pai, era o filho amado retornando.

Não importa o estado material em que estejamos vivendo, nem a nossa situação espiritual, ou até mesmo, o quanto possamos ter descido ao fundo do poço! Mesmo que estejamos numa situação degradante, repulsiva, jamais causaremos impacto em Deus.

Ele vê o nosso valor por debaixo dos trapos e andrajos espirituais – “O Senhor não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração”, 1Sm 16.7b. Deus olha para o nosso quebrantamento diante de sua presença!

Foi isso que Davi reconheceu, quando estava no fundo do poço em razão de seus pecados – “Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás”, Sl 51.17.

- Para que haja restauração o primeiro passo deve ser dado pelo infrator,



Algo que precisamos considerar e dizer, é que o primeiro passo, foi dado pelo filho em direção à casa do pai. Ele refletiu e tomou a decisão: <sup>18</sup> “Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. <sup>19</sup> Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados. <sup>20</sup> A seguir, levantou-se e foi para seu pai”, vs.18-20.

Observamos no texto que o pai enxergou o filho de longe! O pai não estava desatento, e não foi preciso que o moço esmurrasse a porta! Seu pai estava de tocaia esperando, quando viu o filho de longe se aproximando – “Estando ainda longe, seu pai o viu”, v.20.

Diz-nos o texto que o pai é quem correu em direção ao filho, o que torna nossa história bastante significativa – “cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou”, v.20.

Para recebemos o abraço de Deus, precisamos dar o primeiro passo. Devemos correr em sua direção – “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês! Pecadores, limpem as mãos, e vocês, que têm a mente dividida, purifiquem o coração”, Tg 4.8.

Embora Deus busque o homem, o primeiro passo sempre deve ser dado por nós! O desejo de retornar tem que ser mostrado pelo arrependido! Enquanto não dermos o primeiro passo em direção a Deus, não podemos esperar que ele venha ao nosso encontro,

Jr 29.13, “Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração”;

Am 5.4, “Assim diz o SENHOR à nação de Israel: Bucai-me e vivei”;

Am 5.6, “Busquem o SENHOR e terão vida”.

Foi o que o moço fez! Ele descobriu que ao empreender seu caminho de volta, o pai já o estava aguardando. A história que teria tudo para terminar em tristeza, terminou com uma grande festa e comemorações – “Vamos fazer uma festa e comemorar”, v.23.

- Outros fatos ocorridos na sua recepção,

Foi abraçado e beijado! No encontro, o moço foi beijado pelo pai, antes mesmo de tomar um banho! Foi abraçado com amor e carinho, e recebido com grande alegria – “Mas nós tínhamos que comemorar e alegrar-nos, porque este seu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado”, v.32.

Deus sempre se alegra quando um pecador se arrepende – “Eu lhes digo que, da mesma forma, há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”, v.10!

Muitas vezes criamos o conceito de que temos um Deus que castiga! Para certos crentes justiceiros, Deus está escondido atrás de uma árvore esperando a primeira falha nossa para nos fulminar com um raio.

A Bíblia nos mostra que o Deus de amor e de misericórdia, sempre se alegra com a volta do perdido. Nos vs.5-6 nas parábolas

anteriores, podemos ler isso. Quando o pastor acha a ovelha, ele a põe sobre os ombros, e fica cheio de júbilo. Diz o v.6 ele “vai para casa e chama os vizinhos dizendo: alegrai-vos comigo”.

Depois da história do pastor e a ovelha desgarrada, observamos na história da mulher que tem as moedas o seguinte: “tendo-a achado reúne as vizinhas e amigas dizendo: alegrai-vos comigo porque achei a dracma que tinha perdido”, v.10.

Uma festa foi preparada! A história do pai na parábola também termina com alegria, e com uma grande festa - “Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, traze um sandália para os pés

e matai um novilho cevado. E comemo-nos e regozijemo-nos”, vs.22.23.

Na postura do pai, observamos que não há qualquer palavra de recriminação, nenhuma queixa, como: Eu não te disse? Eu não falei? Não, não há nenhuma recriminação. O que há, é simplesmente um acolhimento e uma demonstração de amor.

Uma das grandezas reveladas por Cristo Jesus, é que ele não tem repreensão, ele tem amor para dispensar! Se você der o primeiro passo em direção a Deus, descobrirá que o Deus revelado nas escrituras, é o Deus que ama, que aceita e que tem um beijo de

perdão. Ele é o pai que aceita, o Deus que ama!

Falando um pouco mais sobre o amor de Deus:

Jo 3.16, “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.

As Escrituras nos mostram um Deus que ama sua criação, e de maneira muito particular ama o homem como obra prima de sua criação. Por toda a Escritura, de muitas



formas e maneiras, Deus tem declarado seu amor.

Alguém já disse que “o amor é a coisa maior do mundo”. Com certeza, “o amor é a coisa maior em Deus. Sem amor sua justiça nos condenaria, sua santidade nos afastaria de sua presença, e seu poder nos destruiria. O amor é a única esperança dos pecadores e nossa maior preocupação deve ser a descoberta do amor de Deus para conosco” ([palavraprudente.com.br/](http://palavraprudente.com.br/)).

De acordo com o texto de João 3.16, há pelo menos quatro princípios intimamente relacionados ao amor de Deus:

a) O amor de Deus é eterno (“deu seu filho”).

Quando olhamos para a Palavra de Deus, iremos ver que o Filho de Deus, Jesus Cristo, existia com o Pai desde a eternidade – “<sup>1</sup> No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. <sup>2</sup> Ela estava com Deus no princípio”, Jo 1.1-2.

Foi na eternidade que Deus projetou a vinda de Jesus Cristo, o filho amado, ao mundo, com o objetivo de buscar e salvar o pecador – “Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido”, Lc 19.10.

Escrevendo sua primeira carta, o apóstolo Pedro fala desse propósito de Deus, e inclusive de seu alto custo,

1Pe 1.18-20, “18 sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, 19 mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, 20 conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós”.

De acordo com o texto, o custo de nosso resgate e salvação outorgados pelo Deus de amor, não foi pago com valores monetários

corruptíveis, como “dinheiro, prata ou ouro”, mas com o sangue do cordeiro sem defeito e sem pecado – “cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”. Jesus era, e é o único que possui as qualidades necessárias para redimir o homem de seus pecados!

Para certas pessoas, Deus somente manifestou seu amor de forma clara pelo homem apenas no Novo Testamento! Porém, ao olharmos para o Antigo Testamento, percebemos que Deus declarou de forma contundente o seu amor eterno pelo seu povo, o povo da aliança - Israel:

- Na profecia de Jeremias, Jr 31.3, “De longe se me deixou ver o SENHOR, dizendo: Com

amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí”.

A expressão “amor eterno” tem a ver com algo que é “perpétuo”, “para sempre”, “para todos os tempos”. É isso que nos sugere a tradução da palavra hebraica “owlam” – “eternamente”. Tal conceito de amor nos leva a pensar na essência de quem Deus é. Não podemos dizer apenas que “Deus tem amor”, mas que “Ele é amor”. Por Deus ser amor, o amor é parte inerente de seu caráter.

- Na profecia de Oseias, Os 11.4, “Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor; fui para eles como quem alivia o jugo de sobre

as suas queixadas e me inclinei para dar-lhes de comer”.

Ao expressar seu amor através dessa palavra de Oseias, Deus usa uma expressão singular: “Atraí-os com cordas humanas e com laços de amor”. Destacamos na frase o verbo “atrair”, do hebraico “mashak”, “puxei”, “trouxe para mim”, “arrastei”.

O verdadeiro amor é fonte de atração! Jesus expressou muito bem o seu amor como fator de atração quando disse: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo”, Jo 12.32. Para usufruirmos esse poder de atração de Cristo, precisamos olhar para o Calvário!

Não nos restam quais dúvidas de que a fonte motivadora que levou o Senhor para a cruz com o propósito de atrair os pecadores, foi o seu amor incondicional pelo homem – “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos”, Jo 5.13.

- Na observação da rainha de Sabá,

1Rs 10.9, “Bendito seja o SENHOR, teu Deus, que se agradou de ti para te colocar no trono de Israel; é porque o SENHOR ama a Israel para sempre, que te constituiu rei, para executares juízo e justiça”.

Pelas observações desta rainha ímpia, em sua visita a Salomão, o “Senhor amava a Israel para sempre”. Novamente temos o conceito de eternidade do amor de Deus pelo seu povo, visto na expressão “para sempre” (‘owlam)! Tal expressão indica como já vimos a ideia de algo que jamais pode se acabar. Paulo expressou de maneira clara esse conceito quando escreveu aos coríntios que “o amor jamais acaba”, 1Co 13.8.

No entanto, é nas páginas do Novo Testamento, que podemos ver o amor de Deus em sua maior intensidade:



- Na visão de Paulo, foi o amor de Deus que motivou a eleição dos judeus,

Rm 11.28-29, “Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento”.

Embora os judeus tradicionais tenham se posicionado contra o evangelho, esse fato não fez com que eles deixassem de ser amados de Deus – “amados por causa dos pais”. Foi em razão deste amor, que veio a eleição a Israel, e essa eleição em amor, permanece, uma vez que os dons e a vocação de Deus são “irrevogáveis”. Na

tradução da RA, temos a expressão “sem arrependimento”.

- Ainda na visão de Paulo, a escolha divina dos gentios, também foi produzida graças ao amor de Deus,

Ef 1.4, “assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor”.

Como vimos, o amor de Deus a Abraão, o motivou a elegê-lo e conseqüentemente a seus descendentes! Também foi o amor de Deus que o fez nos escolher como o povo da nova aliança - “11 Veio para o que era seu, e

os seus não o receberam. 12 Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; 13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”, Jo 1.11-13.

Embora Israel fosse o povo da aliança, devido a sua rejeição – “os seus não o receberam”, Deus se voltou para os gentios, e os incluiu como herdeiros das mesmas promessas concedidas à descendência de Abraão – “a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome”.

- O amor de Deus se manifestou na preparação do Cordeiro Divino,

1Pe 1.18-20, “18 sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, 19 mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, 20 conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós”.

Embora o “cordeiro de Deus”, que no dizer de João veio para “tirar o pecado do mundo” (Jo 1.29), tenha se manifestado nos dias do Novo Testamento, este projeto de Deus na busca

do homem miserável e perdido, utilizando seu Filho, teve origem na eternidade!

Foi na eternidade que o Cordeiro divino foi conhecido, preparado e separado - “conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo”. Isto nos mostra que o amor de Deus é desde a eternidade – “Deem graças ao Senhor, porque ele é bom. O seu amor dura para sempre (‘owlam)”, Sl 136.1.

b) O amor de Deus é intenso (“de tal maneira”).

A expressão “de tal maneira” nos fala de algo que é feito com grande intensidade! O grau

de amor demonstrado por Deus na busca e salvação do pecador, jamais poderá ser medido pela nossa capacidade humana! Somos incapazes de reconhecê-lo,

Ef 3.18-19, “<sup>18</sup> possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, <sup>19</sup> e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus”.

Observe como Paulo utiliza as palavras “largura”, “cumprimento”, “altura”, e “profundidade”, para descrever nosso relacionamento com Deus, que tem como base o seu amor por nós! Quando nossa

intimidade com Cristo atinge o nível que ele requer de nós, então, passamos a conhecer seu amor que excede todo e qualquer entendimento humano! Nesse estágio, somos tomados pela “plenitude de Deus”!

Analisemos as expressões “intenso amor”, e “grande amor” falando do amor de Deus no Novo Testamento:

- O grande amor de Deus nos outorga vida,

Ef 2.4-5, “4 Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, 5 e estando nós mortos em

nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, - pela graça sois salvos”.

Foi sem dúvida o “grande amor” de Deus que o fez trazer libertação para os nossos pecados! Devido ao pecado estávamos condenados à morte, mas através de Jesus recebemos vida e salvação – “nos deu vida”.

Paulo reconheceu esse princípio quando declarou que “o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”, Rm 6.23.

- O grande amor de Deus nos trouxe filiação divina,



1Jo 3.1, “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo”.

Uma das doutrinas mais significativas no Novo Testamento é a doutrina da “filiação divina”. Quando recebemos Jesus Cristo como Senhor e Salvador, entramos para a família de Deus como filhos - “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome”, Jo 1.12. Isso acontece através de um processo de adoção, que

podemos observar em todo o Novo Testamento.

Dois exemplos:

Recebemos o “Espírito de adoção”, Rm 8.15, “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai”

Fomos predestinados “para adoção”, Ef 1.5, “nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade”.

- O “grande amor de Deus”, também pode ser visto na expressão “ninguém tem maior amor”, a qual também revela o mesmo o grau de intensidade do amor de Deus pelo homem,

Jo 15.13, “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos”.

Não se tem nenhuma notícia de que alguém tenha se entregado deliberadamente para morrer por alguém, ainda que este alguém fosse “amigo”. Mas, Jesus Cristo morreu por

nós quando ainda éramos pecadores, e inimigos de Deus,

Rm 5.8-10, “<sup>8</sup> Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores. <sup>9</sup> Como agora fomos justificados por seu sangue, muito mais ainda seremos salvos da ira de Deus por meio dele! <sup>10</sup> Se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida!”.

Paulo escrevendo aos colocenses afirmou que antes deles conhecerem o amor de Deus em Cristo, viviam separados da graça, e eram

inimigos de Deus. Porém, pela crucificação e morte de Cristo, foram reconciliados com ele – “<sup>21</sup> Antes vocês estavam separados de Deus e, em suas mentes, eram inimigos por causa do mau procedimento de vocês. <sup>22</sup> Mas agora ele os reconciliou pelo corpo físico de Cristo, mediante a morte, para apresentá-los diante dele santos, inculpáveis e livres de qualquer acusação”, Cl 1.21-22.

Quando aceitarmos o sacrifício de Cristo motivado pelo “grande amor” de Deus por nós, somos perdoados de nossos pecados, recebemos a reconciliação, e ainda, nos tornamos “santos, inculpáveis e livres de qualquer acusação” diante de Deus!

Qual deve ser nossa resposta ao “grande e intenso” amor de Deus?

Ilustrações:

- O servo da orelha furada:

Êx 21.2-6, “<sup>2</sup>Se você comprar um escravo hebreu, ele o servirá por seis anos. Mas no sétimo ano será liberto, sem precisar pagar nada. <sup>3</sup> Se chegou solteiro, solteiro receberá liberdade; mas se chegou casado, sua mulher irá com ele. <sup>4</sup> Se o seu senhor lhe tiver dado uma mulher, e esta lhe tiver dado filhos ou filhas, a mulher e os filhos pertencerão ao senhor; somente o homem sairá livre. <sup>5</sup> Se,

porém, o escravo declarar: Eu amo o meu senhor, a minha mulher e os meus filhos, e não quero sair livre, <sup>6</sup> o seu senhor o levará perante os juízes. Terá que levá-lo à porta ou à lateral da porta e furar a sua orelha. Assim, ele será seu escravo por toda a vida”.

- Jovens morávios:

Conta-se que dois jovens morávios souberam que numa ilha no leste da Índia havia três mil escravos pertencentes a um ateu britânico. Sem permissão de irem para lá como missionários, eles decidiram vender a si mesmos como escravos e usar o dinheiro para pagarem as passagens para a ilha. No dia da partida, as suas famílias e os seus

amigos estavam reunidos no porto, sabendo que, após a sua partida, jamais os veriam novamente.

Indagados sobre a razão que os levava a uma decisão tão extrema assim, eles permaneceram calados. No entanto, quando o barco estava se afastando, os dois rapazes gritaram: Que através das nossas vidas o Cordeiro que foi imolado receba a recompensa pelo seu sacrifício! (Fonte: site da Editora Ultimato; texto de Enedina Sacramento).

Diante do intenso amor de Deus demonstrado por nós, devemos responder com a nossa gratidão, e nos comprometer com sua obra.



Certamente, uma das maneiras de sermos gratos a Deus, é nos tornarmos mensageiros de sua Palavra, a todos quantos vivem ao nosso redor!

Devemos ter a mesma atitude aquele homem endemoninhado que após sua libertação, queria seguir a Jesus, mas foi comissionado por ele para pregar o evangelho aos da sua casa – “<sup>38</sup> O homem de quem haviam saído os demônios suplicava-lhe que o deixasse ir com ele; mas Jesus o mandou embora, dizendo: <sup>39</sup> Volte para casa e conte o quanto Deus lhe fez. Assim, o homem se foi e anunciou a toda a cidade o quanto Jesus tinha feito por ele”, Lc 8.38-39. Pregar o evangelho de forma prática é simplesmente falar do que Jesus fez por nós!

c) O amor de Deus é abrangente (“amou o mundo”).

- Este amor abrangente descrito no evangelho de João, não é o amor pelo “kosmos”, como pode nos sugerir a língua original! A palavra “mundo” aqui, com certeza está relacionada à raça humana. Embora Deus contemple e cuide de sua criação, é ao homem que ele direciona seu amor! Ele nos ama independentemente de nossa cor, raça, sexo, religião, etc.

Quando recebemos a vida eterna por Cristo, independente de quem possamos ser, nos

tornamos filhos de Deus, e herdeiros de suas promessas,

Gl 3.26-29, “<sup>26</sup> Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, <sup>27</sup> pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. <sup>28</sup> Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. <sup>29</sup> E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa”.

- O amor abrangente de Deus se manifestou em nós, sem que ele considerasse a nossa condição de pecadores - “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de

ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”, Rm 5.8.

- Esse amor abrangente de Deus, se manifestou no antigo pacto para com Abraão e a sua posteridade escolhida (“Por amor do meu servo Jacó e de Israel, meu escolhido...”, Is 45.4), mas, também se manifestou, como até já vimos, a todo e qualquer ser humano.

Até mesmo, ao olhamos para a promessa abraâmica, encontramos Deus fazendo inclusão de todos os povos e nações como beneficiários de suas bênçãos – “em ti serão abençoadas todas as nações da terra”, Gn 12.3. Nessa promessa a Abraão e,

consequentemente a Israel, verificamos que o objetivo divino foi amplo e extensivo, não fazendo qualquer exceção de povos, línguas, e nações.

Somente diante do trono de Deus, iremos ter condições de medir a extensão da graça e do amor de Deus pelo homem - “e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação”, Ap 5.9.

A moeda usada para nossa compra e resgate no poder do diabo, e das influências do mundo, não foi prata, ouro, ou pedras

preciosas, mas o “sangue de Cristo” –  
“<sup>13</sup> Então um dos anciãos me perguntou:  
Quem são estes que estão vestidos de  
branco, e de onde vieram? <sup>14</sup> Respon-  
di: Senhor, tu o sabes. E ele disse: Estes são os  
que vieram da grande tribulação e lavaram as  
suas vestes e as branquearam no sangue do  
Cordeiro”, Ap 7.13-14.

Observe que os “remidos” estão vestidos de  
branco, cujas roupas foram lavadas e  
branqueadas no “sangue do Cordeiro”! Só  
conquistaram essa posição e privilégio,  
porque o Cordeiro de Deus foi imolado, e seu  
sangue derramado – “Pois Cristo, nosso  
Cordeiro pascal, foi imolado”, 1Co 5.7.  
Lembrando que o verbo imolar vem do termo

grego “thuo”, que significa “sacrificar”, “imolar”, “assassinar”, “matar”. “abater”.

Outro ponto a considerar é que a promessa de salvação a todos os homens, tendo como moeda de pagamento o sangue do Cordeiro, teve sua declaração bíblica inicial tão logo após a queda - “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”, Gn 3.15.

O descendente divino, nascido de mulher, Jesus Cristo, daria o golpe fatal e certo na cabeça do diabo, lhe tirando o domínio e poder sobre os remidos – “te ferirá a cabeça”! Esse golpe foi desferido na cruz do Gólgota,

quando o Cordeiro foi sacrificado. Através da morte de Jesus Cristo, o homem fragilizado e escravizado pelo pecado, pode ser totalmente livre da escravidão e do poder do inimigo,

Gl 4.4-5, “<sup>4</sup> Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei, <sup>5</sup> a fim de redimir os que estavam sob a lei, para que recebêssemos a adoção de filhos.

A consumação da promessa de Gênesis ocorreu com maior intensidade ainda, na ressurreição do Senhor, quando o diabo foi golpeado pela segunda vez! Dessa promessa nos apropriamos quando confessamos a



Cristo, e nele cremos através da fé no coração,

Rm 10.9-10, “<sup>9</sup> Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. <sup>10</sup> Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação”.

Lembramos que a palavra “redimir” no texto de gálatas, vem do termo grego “exagorazo”, e tem o significado de “pagamento de um preço para recuperar alguém do poder de outro”, “resgatar”, “comprar”, “comprar para si mesmo”, “comprar para uso próprio”.

Paulo fala um pouco mais sobre os efeitos desse processo de libertação do domínio e poder do inimigo, em sua carta aos colocenses, quando escreveu: “Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados”, Cl 1.13-14.

- O amor abrangente de Deus tem o poder de expiar nossos pecados - “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados”, 1Pe 4.8.

Embora Pedro esteja falando do relacionamento de amor entre irmãos, o mesmo princípio pode ser aplicado ao amor de Deus! Quando amamos nossos irmãos com amor intenso, muitos pecados são cobertos! Assim também, o amor de Deus por nós cobre “multidão de pecados”!

O verbo “cobrir” no grego é “kalupto”, e no hebraico é “kaphar”, e tem o sentido de “ocultar”, “esconder”, “cobrir”. Dessa forma, o amor de Deus por nós oculta nossos pecados aos seus olhos! Havia até mesmo o “dia da expiação”, no qual o sumo sacerdote tinha o dever de oferecer sacrifícios pelos seus próprios pecados, e pelos pecados do povo!

Nesse dia, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, que era o compartimento mais íntimo do Tabernáculo, com o sangue de um novilho e de um bode. Ali ele aspergia o sangue sete vezes sobre o propiciatório, que era uma peça que servia como tampa da Arca da Aliança.

Nessa cerimônia, o sumo sacerdote também levava o incensário com brasas tiradas do altar, para queimar o incenso. O incenso servia como nuvem para cobrir o propiciatório, e evitava que o sumo sacerdote morresse através do contato com a presença de Deus,

Lv 16.12-14, <sup>12</sup> Pegará o incensário cheio de brasas do altar que está perante o Senhor e dois punhados de incenso aromático em pó, e os levará para trás do véu. <sup>13</sup> Porá o incenso no fogo perante o Senhor, e a fumaça do incenso cobrirá a tampa que está acima das tábuas da aliança, a fim de que não morra. <sup>14</sup> Pegará um pouco do sangue do novilho e com o dedo o aspergirá sobre a parte da frente da tampa; depois, com o dedo aspergirá o sangue sete vezes, diante da tampa. <sup>15</sup> Então sacrificará o bode da oferta pelo pecado, em favor do povo, e trará o sangue para trás do véu; fará com o sangue o que fez com o sangue do novilho; ele o aspergirá sobre a tampa e na frente dela. <sup>16</sup> Assim fará propiciação pelo Lugar Santíssimo por causa das impurezas e das

rebeliões dos israelitas, quaisquer que tenham sido os seus pecados. Fará o mesmo em favor da Tenda do Encontro, que está entre eles no meio das suas impurezas”.

- O amor abrangente de Deus somente pode ser herdado pela única e verdadeira fonte de amor, o próprio Deus. Tendo o amor de Deus como parâmetro, somos levados a praticar o amor entre irmãos, amando até mesmo, os nossos inimigos – “Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem”, Mt 5.44.

Ilustração

Numa aldeia vietnamita, havia um orfanato dirigido por um grupo de missionários que foi atingido por um bombardeio. Os missionários e duas crianças tiveram morte imediata e as crianças restantes ficaram gravemente feridas. Entre elas, havia uma menina de oito anos considerada em pior estado.

Foi necessário chamar ajuda por um rádio e, depois de algum tempo, um médico e uma enfermeira da Marinha dos Estados Unidos chegaram ao local. Eles teriam de agir rapidamente, senão a menina morreria devido aos traumatismos e a perda de sangue. Era urgente fazer uma transfusão. Mas, como?

Após alguns testes rápidos, puderam perceber que ninguém ali tinha sangue para doar. Reuniram as crianças e entre gestos e arranhados no idioma, tentavam explicar o que estava acontecendo e que precisariam de um voluntário para doar sangue. Depois de um silêncio profundo, um braço se levantou timidamente. Era um menino chamado Heng. Ele foi preparado às pressas ao lado da menina agonizante e espetaram-lhe uma agulha na veia.

Ele se mantinha quieto e com o olhar fixo no teto. Porém, passado algum momento, ele deixou escapar um soluço e tapou o rosto com a mão que estava livre. O médico lhe perguntou se estava doendo e ele negou, mas não demorou muito a soluçar de novo,



contendo as lágrimas. Depois, os soluços ocasionais deram lugar a um choro silencioso e ininterrupto.

Era evidente que alguma coisa estava errada. Foi então que apareceu uma enfermeira vietnamita vinda de outra aldeia e o médico pediu que ela procurasse saber o que estava acontecendo com Heng.

Com suavidade a enfermeira foi conversando com ele e explicando coisas, e o menino foi ficando aliviado. A enfermeira então explicou aos americanos: “Ele pensou que iria morrer, não havia entendido direito o que vocês disseram e achou que iria ter que dar todo seu sangue para a menina não morrer”.

O médico aproximou-se dele e, com a ajuda da enfermeira perguntou: “Mas, se você pensou isso, porque se ofereceu para doar sangue?” O menino respondeu: “Ela é minha amiga” (Autor desconhecido).

Trata-se de uma história realmente emocionante! Entretanto maior do que o amor desse menino por sua amiga é o amor de Jesus por nós! Esse amor atinge tanto aqueles que amam a Deus quanto aqueles que o rejeitam! O amor de Jesus é incondicional. Basta que entendamos e creiamos que ele derramou o seu sangue na cruz para nos libertar da condenação do inferno.

d) O amor de Deus espera do homem uma resposta equivalente (“para que todo aquele que nele crê”).

Deus espera que o homem corresponda ao seu amor demonstrado na cruz de Cristo. Iremos corresponder ao amor de Deus, quando nos predispusermos a obedecê-lo, aceitando o sacrifício de seu Filho.

- No Antigo Testamento Israel não correspondeu ao amor eterno de Deus por eles:

O profeta Oséias denuncia o fato de que o povo, embora amado por Deus, não permaneceu em sua presença, “1 Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho. 2 Quanto mais eu os chamava, tanto mais se iam da minha presença; sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura”, Os 11.1-2.

É revoltante ver como o povo de Israel reagiu ao amor eterno de Deus, levando o Senhor a reclamar da atitude impertinente deles. Em outras palavras Deus disse: Embora eu tenha amado grandemente os filhos de meu povo, os libertando da escravidão egípcia, quando mais eu tentei atraí-los para mim, mais eles fugiam da minha presença. Que incoerência!

Além deles se distanciarem de Deus, e de sua Palavra, também se envolveram na adoração de imagens de esculturas, e no sacrifício de ídolos surdos e mudos “... sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura”. O fascínio e a prática pela idolatria os levaram cada vez mais para longe de Deus!

Na verdade, de acordo com o mesmo profeta o amor deles se tornou fútil por demais - “Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? Porque o vosso amor é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa”, Os 6.4.

As duas figuras proféticas utilizadas no texto de Oséias, demonstram claramente a futilidade e superficialidade do amor de Israel para com o Senhor: a “nuvem da manhã”, e o “orvalho da madrugada”. Embora Israel alegasse amar a Deus, o seu amor desaparecia rapidamente assim como a neblina e o orvalho se esvaíam ao calor da manhã. Isso demonstra o quanto aquele amor era superficial e egoísta.

E hoje, como temos reagido ao amor de Deus? Algumas formas de reagirmos ao amor de Deus por nós são:

- Receber a Jesus como Senhor e Salvador, crendo no plano de salvação, através do seu

sacrifício no Calvário. Precisamos crer na eficácia do amor de Deus derramado em nosso favor.

Devemos crer para receber a vida eterna e assim, escaparmos da condenação, Jo 5.24, “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”. Ver também Jo 6.47: “Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim tem a vida eterna”.

- Devemos saciarmos nossa fome e sede espirituais na fonte certa, Jo 6.35, “Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que

vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”. Somente nos alimentando do “Pão da Vida”, e bebendo da verdadeira “Fonte de Vida”, é que podemos saciar a fome e a sede da alma!

A fé é o elemento principal para recebermos a vida de Deus em nós, Jo 11.25, “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá”. Quando cremos que a verdadeira vida vem de Deus, somos vivificados – “Mas se Cristo está em vocês, o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito está vivo por causa da justiça”, Rm 8.10.



É através da fé que recebemos a “luz” em meio às trevas, Jo 12.46, “Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas”. Na verdade antes de conhecermos a Cristo vivíamos em profundas e densas trevas! Foi Cristo quem “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado”, Cl 1.13.

- Devemos amar a Deus acima de todas as coisas. Nada pode ser comparado ao amor de Deus! Deus nos ama desinteressadamente, sem quaisquer condições ou imposições. Como seres humanos, nosso amor sempre exige reciprocidade! Amamos, mas também desejamos ser amados.

É natural do ser humano, que a falta de correspondência ao amor, nos leva a deixar de amar. Não deveria ser assim, mas esta é a realidade. Observamos na prática humana, o seguinte princípio das Escrituras: “Nós amamos, porque ele nos amou primeiro”, 1Jo 4.19. Se ele não tivesse nos amado primeiro, será que o amaríamos? Mesmo tendo conhecimento de que Deus nos amou primeiro, muitos de nós não respondemos ao seu amor como deveríamos!

Graças a Deus que seu amor por nós não é assim, e foi resumido por João da seguinte maneira: “Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele

nos amou a nós, e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”, 1Jo 4.10. Mesmo sem o amarmos como deveríamos, ele nos amou ao ponto de nos dar o que tinha de mais precioso – seu Filho querido. Aleluia!

Portanto devemos corresponder ao amor de Deus, o amando com tudo o que somos e temos – “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento e Ame o seu próximo como a si mesmo”, Lc 10.17.

- Devemos nos desvincular das paixões e prazeres do mundo – “Demas, amando este mundo, abandonou-me e foi para

Tessalônica. Crescente foi para a Galácia, e Tito, para a Dalmácia”, 2Tm 4.10.

Muitos dos chamados “filhos de Deus” se aprofundam tanto nas paixões e valores mundanos, que acabam por corromper a verdade de Deus. No dizer de Paulo aos romanos, tais elementos “trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém”, Rm 1.25. Tais indivíduos preferem a “mentira” em detrimento da “verdade”, adorando “coisas” e “seres criados” em lugar do Criador.

De tanto serem absorvidos pelo engano e atrações mundanas, Deus entregou tais

peçoas a sua própria sorte – “Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas”, Rm 1.26. De acordo com a mensagem de Apocalipse, o estado de tais elementos só tende a piorar - “continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia”, Ap 22.11.

Por viverem impulsionados pela mentira, Deus lhes enviará a “operação do erro”, para crerem na mentira, como se fosse de fato a verdade, o que intensifica sua condenação – “11 Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira, 12 e sejam condenados todos os que não creiam na verdade”, 2Ts 2.11-12.

### Ilustrações:

Certa vez, alguém perguntou a D. L. Moody: “Agora que sou convertido, devo abandonar o mundo?” Moody respondeu: “Não, você não precisa abandonar o mundo. Se o seu testemunho do Filho de Deus for forte e marcante, o mundo mesmo o abandonará. Ele não desejará ter você por perto”.

Alexandre, o Grande, conquistou o mundo diante dele! Tornou-se rei da Macedônia quando tinha apenas 20 anos. E, em pouco mais de uma década, derrotou os persas e construiu um império que se estendia da Grécia até a Índia!

Porém, Alexandre morreu precocemente aos 32 anos sendo subjugado por suas próprias concupiscências. Quando morreu seu estado era degenerativo! De acordo com certa tradição, ele estava completamente bêbado, louco, e desvairado.

De nada adianta vencer todo o mundo ao redor, e não vencer o mundo que existe dentro de nós mesmos.

### **III. COMO PAI DEUS RESTAURA**

O moço ensaiou o seguinte discurso: “Pai, pequei contra o céu e contra ti, já não sou digno de ser chamado teu filho”, v.18. Continuou dizendo ainda: “trata-me como um de teus empregados”, v.19.

Porém, quando começou seu discurso na volta à casa do pai, esse o interrompeu. O pai não desejava ouvir por desculpas, nem se interessava por elas. Embora o moço tenha ensaiado um discurso, não teve tempo de concluí-lo.

O pai o cortou em meio as suas palavras, simplesmente porque não estava interessado em suas desculpas! Para o pai havia algo



mais importante a considerar – Seu filho voltara para casa!

Pelo menos o moço teve bom senso. Depois de ter feito tanta bobagem, não poderia chegar e dizer “seu filho voltou”, como se nada tivesse acontecido. Suas palavras tinham sentido quando disse “trata-me como empregado, não tenho direito nenhum”.

Tantas pessoas hoje em dia, acham que têm direitos! Reivindicam, esperneiam, gritam, e até mesmo acham que podem colocar Deus na parede! Deus não é criado de ninguém, e não é obrigado a cumprir desejos e caprichos de pessoas inconvenientes! O moço

reconheceu que não tinha mais qualquer direito!

Devemos destacar que a reação do pai ao ver a humilhação do filho, foi de acolhimento amoroso, e não de rejeição – “trazei depressa a melhor roupa, trapo para o meu filho não, vesti-o, ponde um anel no dedo”. Nossa atitude de humilhação, certamente irá comover o coração de Deus – “Embora esteja nas alturas, o Senhor olha para os humildes, e de longe reconhece os arrogantes”, Sl 138.6.

Vamos aos detalhes dos paramentos oferecidos pelo pai:

- O anel no dedo. Por que um anel no dedo? As famílias nobres carregavam o anel de sua filiação! No anel estava a marca, e o brasão da família! O portador daquele anel deveria ser respeitado, por onde quer que andasse, porque carregava com ele o símbolo da influência e poder da família.

Normalmente os anéis também eram usados como sinetes, para fazer assinaturas sobre um laço – “Naquele dia, declara o Senhor dos Exércitos, eu o tomarei, meu servo Zorobabel, filho de Sealtiel, declara o Senhor, e farei de você um anel de selar, porque o tenho escolhido, declara o Senhor dos Exércitos”, Ag 2.23.

Neste texto do livro de Ageu, Deus fala com Zorobabel, então governador de Judá, que faria dele um anel de selar! Um anel selo era aquele que continha a insígnia, ou o símbolo do rei. Normalmente esse tipo de anel era usado para selar e lacrar correspondências, ou editar leis, que mostravam a vontade do Rei. Deus fala com Zorobabel, dizendo que iria usá-lo para fazer cumprir a sua vontade.

Os anéis também poderiam também ser usados como sinal de autoridade – “Em seguida o faraó tirou do dedo o seu anel de selar e o colocou no dedo de José. Mandou-o vestir linho fino e colocou uma corrente de ouro em seu pescoço”, Gn 41.42.

Ao dar seu anel pessoal para José, Faraó lhe concedeu a autoridade para tomar qualquer decisão em seu nome, inclusive o poder para modificar leis, se necessário fosse - <sup>39</sup> Disse, pois, o faraó a José: Uma vez que Deus lhe revelou todas essas coisas, não há ninguém tão criterioso e sábio como você. <sup>40</sup> Você terá o comando de meu palácio, e todo o meu povo se sujeitará às suas ordens. Somente em relação ao trono serei maior que você. <sup>41</sup> E o faraó prosseguiu: Entrego a você agora o comando de toda a terra do Egito", Gn 41.39-41.

O anel dado por Faraó representava a confiança que ele depositou em José. Em

outras palavras Faraó estava dizendo: Eu confio em você, e por essa razão entrego o comando de meu palácio em suas mãos, e todos lhe estarão sujeitos e terão que obedecer as suas ordens!

Voltando ao moço gastador! Provavelmente ele devia até ter deixado o anel de família numa casa de penhor, porque chegou sem o anel no dedo. Mas o pai não o tratou como simples empregado! Imediatamente disse aos seus conservos: pode-lhe um anel no dedo, ele não é empregado, ele é meu filho, v.22.

Muitas vezes andamos por caminhos errados assim como aquele jovem! Porém ao nos arrependermos e voltarmos para Deus, nossa

posição espiritual é restabelecida por ele! Deus pode fazer de nós, assim como no caso de Zorobabel, um anel de selar, para vivermos afinados com o seu propósito e vontade!

- As sandálias para os pés. As sandálias nos pés faziam diferença entre os filhos e os escravos! Diferentemente dos filhos que usavam sandálias, os escravos andavam descalços! Um escravo não tinha direito de usar calçados. O moço perdera sua filiação, pois não tinha mais o anel, e ainda voltou com o status de um escravo ao chegar sem sandálias.

As sandálias, além de diferenciar uma pessoa livre de um escravo, se constituíam num tipo de proteção para os pés, e eram aparatos indispensáveis para os soldados que saíam para os campos de batalha.

Normalmente, durante um combate, era muito comum que o exército inimigo espalhasse objetos pontiagudos na área de batalha, e as sandálias ofereciam proteção para os pés. Portanto, elas se tornaram parte integrante da armadura do soldado. Podemos afirmar que elas ofereciam grande vantagem àqueles que saíam para a guerra.

Objetivando esse conceito, Paulo fala das “sandálias da paz”, que de fato simbolizam



segurança e prontidão na hora de alguém sair para pregar o evangelho – “tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz”, Ef 6.15. É possível que Paulo tivesse em mente o dito de Isaías em um de seus textos messiânicos: “Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas novas, que proclamam a paz, que trazem boas notícias, que proclamam salvação, que dizem a Sião: O seu Deus reina!”, Is 52.7.

Porém, há ocasiões na vida de um homem, ou de uma mulher de Deus, em que as sandálias precisam ser tiradas – “Então disse Deus: Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa”, Êx 3.5; “O comandante do exército do Senhor respondeu: Tire as sandálias dos pés,

pois o lugar em que você está é santo. E Josué as tirou”, Js 5.15.

O significado da ordem de Deus transmitida tanto a Moisés, quanto a Josué, tinha a ver com o lugar em que estavam pisando! Eles estavam em um lugar sagrado, santo, e, portanto, precisavam ficar descalços numa atitude de reverência, respeito, e temor a Deus.

No caso específico de Moisés, se observa na sequência do texto, que um forte temor a Deus o envolveu! Diante do que ele estava visualizando, encobriu seu rosto naquele lugar impregnado pela presença e santidade

do Senhor – “Então Moisés cobriu o rosto, pois teve medo de olhar para Deus”, v.5b.

Na experiência de Josué, podemos ver como ele reagiu de forma antecipada, ao perceber que o comandante quem lhe aparecera, não era outro, senão o próprio Senhor – “Venho na qualidade de comandante do exército do Senhor. Então Josué prostrou-se, rosto em terra, em sinal de respeito, e lhe perguntou: Que mensagem o meu senhor tem para o seu servo?”, Js 5.14.

Certamente, Josué não teria se prostrado, colocando o rosto em terra, em atitude de profunda adoração, caso aquele personagem fosse alguém comum, ou até mesmo que se

tratasse de um ser celestial. Em suas convicções ele sabia que somente devemos adorar a Deus – “Jesus respondeu: Está escrito: Adore o Senhor, o seu Deus e só a ele preste culto”, Lc 4.8.

Diante de Deus devemos tirar as sandálias de nossos pés, porque na verdade, não passamos de servos, escravos – “O maior entre vocês deverá ser servo”, Mt 23.11. Jamais nos esqueçamos de que o próprio Senhor se colocou na condição de servo – “... o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”, Mt 20.28.

Paulo expõe de forma clara a posição assumida pelo Senhor, quando este deixou a glória dos céus, vindo à terra em humilhação, simplesmente para servir – “<sup>5</sup> Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, <sup>6</sup> que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; <sup>7</sup> mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. <sup>8</sup> E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!”, Fp 2.5-8.

O melhor crente é aquele que entende seu chamado, e está sempre disponível para servir a Deus, e aos outros em amor, e com alegria – “<sup>13</sup> Irmãos, vocês foram chamados

para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; pelo contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor. <sup>14</sup> Toda a lei se resume num só mandamento: Ame o seu próximo como a si mesmo", Gl 5.13-14.

Entre outras coisas, Paulo deixou claro, que o nosso chamado foi para a liberdade, e não para a libertinagem – “não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne”! Quando entendemos nossa vocação no corpo de Cristo, haverá em nós prontidão para rejeitar os desejos da carne, e disposição para amar e servir nossos semelhantes!

Nosso melhor culto a Deus, é reconhecê-lo como Senhor e Pastor, o adorando e servindo com alegria, e com cânticos alegres – “<sup>2</sup> Prestem culto ao Senhor com alegria; entrem na sua presença com cânticos alegres. <sup>3</sup> Reconheçam que ele é o nosso Deus. Ele nos fez e somos dele: somos o seu povo, e rebanho do seu pastoreio”, Sl 100.2-3. No v.2, temos o termo hebraico “abad”, que significa “trabalhar para outro”, “servir a outro com trabalho”, “servir como subordinado”, “tornar-se servo”.

Devemos entender que nossa participação no reino de Deus, deve ser a de um servo dedicado, fiel, e disponível para qualquer situação que dependa de nós – “<sup>1</sup> Portanto, que todos nos considerem como servos

de Cristo e encarregados dos mistérios de Deus. <sup>2</sup> O que se requer destes encarregados é que sejam fiéis”, 1Co 4.1-2.

- As vestimentas. O pai põe no filho a melhor roupa, calça seus pés, e lhe devolve a filiação! Não queria tratá-lo como escravo, ou indigente, por isso mandou recompô-lo, trazer o melhor novilho, ao mesmo tempo em que providenciou uma grande festa, para comerem e se alegrarem.

As vestimentas de um homem na antiguidade diziam muito sobre quem ele era, e normalmente mostravam sua posição dentro da sociedade. Podemos dizer que as vestimentas qualificavam ou desqualificavam



uma pessoa! Enquanto os ricos eram caracterizados pelas roupas finas e caras, os muito pobres e mal vestidos, não gozavam de qualquer conceito ou reconhecimento!

Um detalhe bíblico, é que as roupas começaram a ser usadas no Jardim do Éden, tão após a Queda por Adão e Eva, quando eles pecaram. A partir de então, as vestimentas passaram a desempenhar importante papel no relacionamento entre a criatura e seu Criador – “Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais”, Gn 3.7.

No caso de Adão e Eva, e na humanidade sequente, as vestimentas foram necessárias para cobrir a vergonha e o pecado! Inicialmente nossos primeiros pais se cobriram de folhas de figueira, mas logo após, Deus matou um animal e fez roupas de pele para cobrir seus corpos, como símbolo de nossa incapacidade para expiar o pecado – “O Senhor Deus fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher”, Gn 3.21.

Como já vimos, estilos e cores de roupas indicavam posição, riqueza, gênero e status! Os mais ricos e abastados usavam roupas de linho finíssimo, de escarlata, enquanto que os reis eram caracterizados pelos pujantes mantos reais. Um exemplo da pujança de

roupas reais é mostrado por Lucas no livro de Atos,

At 12.21, “No dia marcado, Herodes, vestindo seus trajes reais, sentou-se em seu trono e fez um discurso ao povo”.

Assim descreveu Josefo as vestimentas que Herodes usava naquela ocasião: “Ele vestiu uma roupa feita inteiramente de prata e com um contexto maravilhoso, e de manhã cedo entrou no teatro dos shows e jogos, quando a prata de sua roupa era iluminada pelo primeiro reflexo do sol, raios sobre ele brilhavam de uma maneira surpreendente, e era tão resplandecente que espalhava horror

sobre aqueles que o olhavam intensamente”  
(Comentário de Albert Barnes).

Roupas confeccionadas com pano de saco eram usadas em momentos de tristeza ou luto, e simbolizam a dor e o arrependimento – “30 Assim, Joabe e seu irmão Abisai mataram Abner porque ele havia matado Asael, irmão deles, na batalha de Gibeom. 31 Então Davi disse a Joabe e a todo o exército que o acompanhava: Rasguem suas vestes, vistam roupas de luto e vão chorando à frente de Abner. E o rei Davi seguiu atrás da maca que levava o corpo”, 2Sm 3.30-32.

Roupas brancas tinham a ver com pureza, como podemos observar na transfiguração de Jesus e nas visões proféticas,

Lc 9.29, “Enquanto orava, a aparência de seu rosto se transformou, e suas roupas ficaram alvas e resplandecentes como o brilho de um relâmpago”.

At 1.10, “E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco”.

Jo 20.12, “e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos pés”.

Uma ordenança na lei mosaica para evitar a confusão dos sexos, era a de que homens e mulheres deveriam usar roupas apropriadas ao seu gênero – “A mulher não usará roupas de homem, e o homem não usará roupas de mulher, pois o Senhor, o seu Deus, tem aversão por todo aquele que assim procede”, Dt 22.5.

No ensino do Senhor, seus seguidores não devem se preocupar com o que vestir, mas são orientados a buscar em primeiro lugar o reino de Deus – “28 Por que vocês se

preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. 29 Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. 30 Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé? 31 Portanto, não se preocupem, dizendo: Que vamos comer? ou que vamos beber? ou que vamos vestir?”, Mt 6.28.

De acordo com o ensino paulino, além da alimentação, as vestimentas também se constituem numa das necessidades básicas da vida – “7 pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; 8 por

isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos”, 1Tm 6.7-8.

As vestimentas também caracterizam todos os que foram salvos. As vestes de uma pessoa regenerada foram lavadas e branqueadas no sangue do Cordeiro! Nesse contexto roupas brancas simbolizam a pureza, santidade e justiça daqueles que são considerados justos diante de Deus,

Ap 3.5, “O vencedor será igualmente vestido de branco. Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do meu Pai e dos seus anjos”.



Ap 7.9, 13-14, “9 Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas. 13 Então um dos anciãos me perguntou: Quem são estes que estão vestidos de branco, e de onde vieram? 14 Respondi: Senhor, tu o sabes. E ele disse: Estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro”.

De acordo com os princípios da Palavra de Deus, as roupas devem ser usadas com modéstia, como padrão universal para as mulheres de Deus – “Da mesma forma quero que as mulheres se vistam modestamente,

com decência e discrição, não se adornando com tranças, nem ouro, nem pérolas, nem roupas caras”, 1Tm 2.9.

Algumas pessoas na bíblia que são identificadas pelas suas roupas:

Elias – “7 O rei lhes perguntou: Como era o homem que os encontrou e lhes disse isso? 8 Eles responderam: Ele vestia roupas de pelos e usava um cinto de couro. O rei concluiu: Era o tesbita Elias”, 2Rs 1.7-8.

João Batista – “As roupas de João eram feitas de pelos de camelo, e ele usava um cinto de

couro na cintura. O seu alimento era gafanhotos e mel silvestre”, Mt 3.4.

Tanto Elias, como João Batista usavam certo estilo de roupa característico que os identificavam no meio de outros indivíduos! Quando os mensageiros do rei Acazias chegaram com a mensagem profética de que ele morreria, devido a uma doença adquirida, a pergunta do rei foi crucial para identificar o autor da profecia – Como era o homem que lhes disse isso? Eles responderam: Ele vestia roupas de pelos e usava um cinto de couro. O rei rapidamente entendeu de quem se tratava – “É Elias, o tesbita”.

Rico da Parábola – “Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho fino e vivia no luxo todos os dias”, Lc 16.10.

Observe que o homem rico dessa parábola foi descrito como alguém que se “vestia de púrpura e de linho fino” e, que ainda “vivia no luxo todos os dias”. Essa descrição dizia tudo sobre quem o homem era de fato.

Voltando ao moço da parábola, podemos dizer que a troca de roupas indica o tremendo perdão do seu pai! Foi como se nada houvesse acontecido. Tira o trapo e põe roupa decente, perdeu o anel, foi roubado, empenhou, põe de novo, ele é o meu filho. Ele está sem sandália, põe sandália.

Aqui está a grande beleza, um traço marcante do caráter de Deus! Ele jamais nos trata como escravos, e nem como resto, ou bagaço! Ele nos trata como filhos,

2Co 6.18, "... e lhes serei Pai, e vocês serão meus filhos e minhas filhas, diz o Senhor Todo-poderoso".

- A festa e o novilho cevado. A festa foi ordenada pelo pai, para expressar sua alegria em ter o filho de volta. Nessa festa há certa simbologia do que acontece nos céus quando um pecador se arrepende e volta para Deus: "há alegria na presença dos anjos

de Deus por um pecador que se arrepende",  
Lc 15.10.

Em qualquer festa o ambiente sempre é de contentamento e celebração. Normalmente, o ambiente de uma festa é lugar de encontro de amigos, famílias, e conhecidos! Ninguém faz uma festa para celebrar derrota, sofrimento, perda, ou fracasso. Sempre festejamos por algo de bom que nos está acontecendo!

O povo de Deus sempre foi ativo em festas e comemorações. Havia muitas festas ordenadas pelo Senhor, e que eram observadas durante o ano no calendário judaico,

Lv 23.2, “Diga o seguinte aos israelitas: Estas são as minhas festas, as festas fixas do Senhor, que vocês proclamarão como reuniões sagradas”.

É significativa a expressão “minhas festas”, o que nos mostra o Senhor como promotor e abençoador dessas celebrações no meio de seu povo. Elas deveriam ser para Deus! Sete festas anuais eram celebradas, e nessas festas, o povo extravasa suas alegrias e emoções, mas, principalmente cultuava ao Senhor.

Vamos fazer menção de apenas três delas, consideradas as principais, nos atendo aos seus significados e simbologia:

A festa da Páscoa - “Pessach”. A palavra “pessach” na língua hebraica significa “passagem”. Essa festa é uma tradição milenar, cujo objetivo principal é relembrar a libertação do povo judeu da escravidão imposta por Faraó, no reino do Egito.

Para efetivar a libertação de seu povo, o Senhor enviou Moisés e seu irmão Arão a Faraó, para exigir dele que deixasse seu povo ir para o deserto com a finalidade de adorá-lo – “Depois o Senhor disse a Moisés: Vá ao faraó e diga-lhe que assim diz o Senhor,



o Deus dos hebreus: Deixei o meu povo ir para que me preste culto”, Êx 9.1.

Porém, Faraó se recusou a dar essa permissão. Então, Deus visitou a terra do Egito com nove pragas devastadoras. Mesmo vendo a manifestação do poder Deus, incluindo a desmoralização dos deuses egípcios, Faraó se recusou a atender ao pedido de Moisés e Arão. Foi quando Deus ordenou a décima praga que seria a morte de todos os primogênitos machos, tanto de seres humanos, quanto de animais.

Essa última praga era a mais terrível de todas! Para as famílias judaicas haveria grande livramento, porém, certa condição

deveria ser preenchida! Para que os primogênitos dos judeus não tivessem a mesma sorte dos primogênitos egípcios, deveriam sacrificar um cordeiro, e o seu sangue colocado nos batentes das portas. O sangue do animal nas portas era o sinal de que aquela família seria protegida da praga,

Êx 12.3,7, 12-13, “<sup>3</sup> Digam a toda a comunidade de Israel que no décimo dia deste mês todo homem deverá separar um cordeiro ou um cabrito, para a sua família, um para cada casa. <sup>7</sup> Passem, então, um pouco do sangue nas laterais e nas vigas superiores das portas das casas nas quais vocês comerão o animal. <sup>12</sup> Naquela mesma noite passarei pelo Egito e matarei todos os primogênitos, tanto dos homens como dos

animais, e executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor! <sup>13</sup> O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês estiverem; quando eu vir o sangue, passarei adiante. A praga de destruição não os atingirá quando eu ferir o Egito”.

Tudo quanto o Senhor falou, de fato aconteceu! Foi uma noite de luto e grande terror na terra Egito, o que provocou a liberação imediata deles dos domínios de Faraó – <sup>29</sup> Então, à meia-noite, o Senhor matou todos os primogênitos do Egito, desde o filho mais velho do faraó, herdeiro do trono, até o filho mais velho do prisioneiro que estava no calabouço, e também todas as primeiras crias do gado. <sup>30</sup> No meio da noite o

faraó, todos os seus conselheiros e todos os egípcios se levantaram. E houve grande pranto no Egito, pois não havia casa que não houvesse um morto.<sup>31</sup> Naquela mesma noite o faraó mandou chamar Moisés e Arão e lhes disse: Saíam imediatamente do meio do meu povo, vocês e os israelitas! Vão prestar culto ao Senhor, como vocês pediram”, Vs.29-31.

Falando sobre essa festa, o escritor aos hebreus nos traz outros esclarecimentos, inclusive destacando a figura de Moisés, o grande líder usado por Deus – “Pela fé (Moisés) celebrou a Páscoa e fez a aspersão do sangue, para que o destruidor não tocasse nos filhos mais velhos dos israelitas”, Hb 11.28. Na verdade, podemos dizer que houve um exercício de fé protagonizado por Moisés,

ao colocarem o sangue nos batentes das portas – “pela fé”.

Para que o povo de Israel não se esquecesse daquela noite, e da grande libertação da escravidão de seus opressores egípcios, Deus ordenou a Pessach, que dali em diante, deveria ser realizada todos os anos pelo povo israelita – “Assim como o Senhor passou em vigília aquela noite para tirar do Egito os israelitas, estes também devem passar em vigília essa mesma noite, para honrar ao Senhor, por todas as suas gerações”, Êx 12.42. Observe a frase: “por todas as suas gerações”, o que indicava a continuidade de lembranças do grande livramento!

A Páscoa não é uma festa cristã, como muitos acreditam, e até comemoram! O único ingrediente da festa que podemos utilizar é o seu simbolismo. Da mesma forma que os judeus foram libertos de sua escravidão na terra do Egito, cuja figura central foi o cordeiro e seu sangue, assim também fomos libertos da escravidão satânica pelo sangue do Cordeiro de Deus, Jesus – “<sup>7</sup> Nele temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus, <sup>8</sup> a qual ele derramou sobre nós com toda a sabedoria e entendimento”, Ef 1.7-8.

Escrevendo sua carta aos colocenses, Paulo fala sobre essa libertação – “<sup>13</sup> Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos

transportou para o Reino do seu Filho amado,<sup>14</sup> em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados”, Cl 1.13-14.

Assim como os judeus foram arrancados do Egito para se constituírem Nação Santa em Canaã, nós fomos arrancados do domínio do mundo e do diabo, para formarmos um novo povo santo a serviço de Deus – “Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”, 2Pe 2.9.

Voltando ao simbolismo da Pascoal, podemos afirmar que não foi por acaso que João, o

Batista, quando viu a Jesus, entendeu o grande propósito de seu ministério! Ele imediatamente o reconheceu como o “Cordeiro de Deus”, e o único capaz de remover o pecado do mundo - “No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, Jo 1.29.

Dentro dessa mesma linha de pensamento, ao escrever sua carta aos coríntios, Paulo afirmou que Jesus Cristo é nosso “Cordeiro Pascal”, o qual foi sacrificado, para que todos aqueles que nele creem, recebam uma nova vida – “Livrem-se do fermento velho, para que sejam massa nova e sem fermento, como realmente são. Pois Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado”, 1Co 5.7.



O verbo “sacrificar” no texto vem do termo grego “thuo”, que significa “imolar”, “assassinar”, “abater”, “levar ao matadouro”. Jesus foi levado ao matadouro, para que através de sua morte, pudéssemos ser salvos, nos tornando uma nova criatura (nova massa) – “como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca”, Is 53.7!

Em suma, o elemento principal da Páscoa era o cordeiro, cujo sangue aspergido nas portas protegeu os primogênitos da morte! Esse cordeiro é uma figura clara de Jesus Cristo, o Cordeiro sem defeito que derramou seu

sangue por nós, para remissão de nossos pecados – “Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados”, Mt 26.28.

A festa das colheitas – “Shavuot”. Essa festa era realizada como um tributo de agradecimento a Deus! O objetivo principal da festa era o reconhecimento de que todo suprimento vinha do Senhor, que se mantinha atento às necessidades e carências de seu povo.

Na celebração da festa o povo entregava a Deus as primícias, ou primeiros frutos colhidos, o que se constituía numa atitude de gratidão por tudo quanto haviam recebido

durante o ano – “Celebrem a festa da colheita dos primeiros frutos do seu trabalho de semeadura. Celebrem a festa do encerramento da colheita, quando, no final do ano, vocês armazenarem as colheitas”, Êx 23.16.

A festa de Shavuot tinha ainda como propósito, levar o povo de Israel a um nível coletivo de adoração a Deus. No transcorrer da festa, havia manifestações voluntárias de reconhecimento ao Senhor, pela abundância das colheitas, pela multiplicação do rebanho, e, principalmente pelo cuidado amoroso e providencial de Deus durante todo aquele ano.

Eles manifestavam a convicção de que, era Deus quem os enchia de bens, e aquele que lhes trazia vigor e renovação,

Sl 103.1-2, 5, “<sup>1</sup> Bendiga ao Senhor a minha alma! Bendiga ao Senhor todo o meu ser!  
<sup>2</sup> Bendiga ao Senhor a minha alma! Não se esqueça de nenhuma de seus benefícios!  
<sup>5</sup> (ele) que enche de bens a sua existência, de modo que a sua juventude se renova como a águia”.

Durante a celebração, eles ainda reconheciam os muitos milagres que Deus havia operado em favor deles! De fato, era um momento propício para expressarem através da gratidão, do louvor e adoração, o

quanto eles eram dependentes dos favores divinos na provisão e sustento milagrosos,

Sl 65.9-10, “<sup>9</sup> Cuidas da terra e a regas; fartamente a enriqueces. Os riachos de Deus transbordam para que nunca falte o trigo, pois assim ordenaste. <sup>10</sup> Encharcas os seus sulcos e aplainas os seus torrões; tu a amoleces com chuvas e abençoas as suas colheitas”.

Para participarem da festa, os agricultores vinham de toda a parte do país para Jerusalém, que era o local onde ela acontecia! Traziam seus dízimos em espécie (moedas), ou em frutos da colheita. O objetivo dessas dádivas era o abastecimento da casa

de Deus (Templo), com comida para os levitas e sacerdotes, para o ano seguinte.

Como os levitas e sacerdotes trabalhavam em tempo integral nas atividades do Templo, Deus estabeleceu que o sustento deles vinha através dessas ofertas,

Dt 18.4, “Vocês terão que dar-lhes as primícias do trigo, do vinho e do azeite, e a primeira lã da tosquia das ovelhas”.

Os principais elementos que compunham a festa eram:

1º A celebração com dois pães fermentados - “Onde quer que morarem, tragam de casa dois pães feitos com dois jarros da melhor farinha, cozidos com fermento, como oferta movida dos primeiros frutos ao Senhor”, Lv 23.17.

O modo comum dos judeus ao oferecerem sacrifícios ao Senhor, era o de evitar qualquer tipo de fermento nas oferendas – “<sup>4</sup> Se um de vocês trazer uma oferta de cereal assada no forno, seja da melhor farinha: bolos feitos sem fermento, amassados com óleo, ou pães finos sem fermento e untados com óleo. <sup>5</sup> Se a sua oferta de cereal for preparada numa assadeira, seja da melhor farinha, amassada com óleo e sem fermento”, Lv 2.4-5.

Porém nessa festa havia uma exceção – os pães eram fermentados, porque os sacerdotes compartilhavam dessa oferenda de cereais, e, tomavam a porção deles na refeição comunal!

Outro fator também importante é que esses pães eram oferecidos ao Senhor como representativos de primícias, e, portanto, com uma conotação diferente das demais ofertas – “No dia da festa da colheita dos primeiros frutos, a Festa das Semanas, quando apresentarem ao Senhor uma oferta do cereal novo, convoquem uma santa assembleia e não façam trabalho algum”, Lv 28.16.



“O pão era levedado misturando-se na massa um bocado de fermento, extraído da cevada da colheita do ano anterior. Isso reenfatizava a íntima conexão entre as colheitas do trigo e da cevada, bem como as festividades associadas a essas colheitas” (F. Duane Lindsey, in loc.).

2º Os sacrifícios de animais – “Depois sacrifiquem um bode como oferta pelo pecado e dois cordeiros, cada um com um ano de idade, como oferta de comunhão”, Lv 23.19.

O abate de animais como oferta ao Senhor era algo muito comum nas celebrações judaicas. Normalmente essa carne, com

exceção das gorduras e vísceras servia como alimento – “Se, contudo, sua oferta for resultado de um voto ou for uma oferta voluntária, a carne do sacrifício será comida no dia em que for oferecida, e o que sobrar poderá ser comido no dia seguinte”, Lv 7.16.

Porém, algo que precisamos ressaltar, é que Deus sempre preferiu que seus filhos se aproximassem dele, não apenas com sacrifícios, mas sim, com corações quebrantados, compungidos, – “Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás”, Sl 51.17.

Esse foi um dos reclames do Senhor Jesus contra os religiosos falsos e hipócritas que vinham até ele se apresentando como modelos de conduta e virtude, porém, seus corações eram superficiais, e vazios de misericórdia e amor – “Vão aprender o que significa isto: Desejo misericórdia, não sacrifícios Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores”, Mt 9.13.

3º A lembrança do recebimento da Torá. A Tora continha os estatutos e preceitos de Deus, entregues a Moisés no Monte Sinai – “Disse o Senhor a Moisés: Suba a mim, ao monte, e fique aqui; e lhe darei as tábuas de pedra com a lei e os mandamentos que escrevi para a instrução do povo”, Êx 24.12.

Podemos dizer que a Torá é o suprassumo da religião judaica, e corresponde aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, também chamados de Pentateuco. A palavra “Torá” tem origem no termo hebraico “Yará”, que significa ensinamento, doutrina, instrução, ou lei.

“Existem dois tipos de Torá: a escrita, onde constam os 613 mandamentos escritos, e a oral, que é o conjunto de instruções que ensinam como cumprir os mandamentos da Torá escrita. Dentre esses 613 mandamentos, 248 são considerados os ensinamentos positivos, que guiam o povo

judeu ao que deve ser feito, e, os outros 365 são ensinamentos considerados negativos, que os instruem ao que não deve ser feito” (<https://www.significados.com.br/tora/>).

Em resumo a Shavout era protagonizada por ofertas de gratidão, adoração e louvor a Deus, e objetivava expressar o reconhecimento de que tudo provinha de Deus! Precisamos ser agradecidos a Deus, pois, tudo o que temos e somos é graças a sua misericórdia, que diariamente é derramada em nosso favor!

Hoje, nossa maior gratidão a Deus, não deve ser apenas pelos milagres que dele recebemos a cada dia, mas principalmente

pela bênção maior que é a nossa salvação operada pelo “Espírito Santo da promessa” – “<sup>13</sup> Nele, quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados com o Espírito Santo da promessa, <sup>14</sup> que é a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória”, Ef 1.13-14.

A festa dos tabernáculos – “Sucot”. Essa festa tinha como objetivo principal lembrar a peregrinação de 40 anos no deserto, quando o povo de Israel caminhava em direção à terra de Canaã, período em que eles habitaram em tendas.

A peregrinação somente terminou quando chegaram a Canaã, e voltaram a habitar em casas e cidades nessa nova terra. Eles deveriam ter em sempre em mente, que as casas e cidades de Canaã, não haviam sido construídas por eles, mas que as tinham recebido como dádivas preciosas de Deus,

Dt 6.10-13, <sup>10</sup> O Senhor, o seu Deus, os conduzirá à terra que jurou aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó, que daria a vocês, terra com grandes e boas cidades que vocês não construíram, <sup>11</sup> com casas cheias de tudo que há de melhor, de coisas que vocês não produziram, com cisternas que vocês não cavaram, com vinhas e oliveiras que não plantaram. Quando isso acontecer, e vocês comerem e ficarem

satisfeitos. <sup>12</sup> tenham cuidado! Não esqueçam o Senhor que os tirou do Egito, da terra da escravidão. <sup>13</sup> Temam o Senhor, o seu Deus, e só a ele prestem culto, e jurem somente pelo seu nome”.

Observe que no “pacote” das dádivas divinas havia ingredientes importantes que constavam de: “cidades que não tinham construído”, “cisternas que não haviam cavado”, “vinhas e oliveiras que não plantaram”, além de tantos outros benefícios.

Com a posse da terra, tudo o que Deus havia dito que lhes daria, foi atestado por Josué, o principal agente da conquista – “Foi assim que lhes dei uma terra que vocês não



cultivaram e cidades que vocês não construíram. Nelas vocês moram, e comem de vinhas e olivais que não plantaram”, Js 24.13.

Diante dessas dádivas, os israelitas deveriam cuidar para não se esquecerem de que, fora o Senhor quem os havia tirado do Egito, e, conseqüentemente da servidão. Além disso, precisavam se manter debaixo do temor do Senhor, o Deus único e verdadeiro, e, só a ele cultuarem – “Não esqueçam o Senhor que os tirou do Egito, da terra da escravidão. Temam o Senhor, o seu Deus, e só a ele prestem culto”, Dt 6.12-13.

Precisamos reconhecer que tudo quanto temos vem de Deus! Dele vem nosso salário, nossa casa, nossos alimentos, nossa saúde, nosso carro, nossa bicicleta, enfim, devemos tudo o que temos graças ao favor e misericórdia de Deus – <sup>12</sup> “A riqueza e a honra vêm de ti; tu dominas sobre todas as coisas. Nas tuas mãos estão a força e o poder para exaltar e dar força a todos. <sup>13</sup> Agora, nosso Deus, damos-te graças, e louvamos o teu glorioso nome. <sup>14</sup> Mas quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos contribuir tão generosamente como fizemos? Tudo vem de ti, e nós apenas te damos o que vem das tuas mãos”, 1Cr 29.12-14.

Deus é quem nos capacita com vigor, disposição, e saúde, para produzirmos tudo quanto amedhamos aqui na terra. Sem ele perdemos a força e vigor, além de ficarmos inoperantes! Destaco a frase: "... nós apenas te damos o que vem das tuas mãos". Ao entregar sua vida, seu dízimo, sua oferta, sua primícia, você apenas está devolvendo a Deus uma parte de tudo quanto você recebeu dele!

Devemos reconhecer que sem a bênção do Senhor, perecemos, ruímos, entramos em colapso, tanto em termos materiais, quanto em termos espirituais. É ele quem nos conduz a uma vida abundante - "Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o

ajudarei; Eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa”, Is 41.10!

As principais obrigações durante a festa de Sucot eram:

1ª A construção de uma Sucá (tenda/cabana). A Sucá poderia ser feita de madeira, ou outro material! Normalmente era coberta com folhas de palmeiras e, montada no quintal ou varanda da casa, e, servia como lembrança de que, durante a caminhada de quarenta anos pelo deserto, eles haviam habitado em cabanas,

Lv 23.42-43, “<sup>42</sup> Morem em tendas durante sete dias... <sup>43</sup> para que os descendentes de vocês saibam que eu fiz os israelitas morarem em tendas quando os tirei da terra do Egito. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês”.

2ª Todos os israelitas de nascimento deveriam habitar nas tendas. As famílias judias se deslocavam de suas casas, e, ficavam morando nessas cabanas durante todos os sete dias da Sucot. Após os sete dias, as cabanas eram desarmadas, e todos voltavam para suas habitações normais,

Lv 23.42, “Morem em tendas durante sete dias; todos os israelitas de nascimento morarão em tendas”.

3ª Suas refeições eram realizadas na Sucá, e ali dormiam, a menos que estivesse chovendo. Eram sete dias de muita alegria diante do Senhor, onde eles repousavam, e comiam os melhores frutos da produção,

Lv 23.40, “No primeiro dia vocês apanharão os melhores frutos das árvores, folhagem de tamareira, galhos frondosos e salgueiros, e se alegrarão perante o Senhor, o Deus de vocês, durante sete dias”.

A Sucá, não se constituía numa fortaleza, mas, numa singela e pequena habitação, frágil, e temporária! Como já mencionamos, a

Sucá servia para que o povo se lembrasse de suas habitações no deserto, e, do quanto foram dependentes da proteção e cuidado de Deus!

Serviam ainda para que se lembrassem, de que a vida nesse mundo é passageira! Precisamos ter em mente que durante nossa permanência na terra, não passamos de simples peregrinos. Vamos seguir o mesmo caminho dos antepassados que foram antes de nós!

Davi expressou essa verdade numa comovente oração que fez ao Senhor - “Diante de ti somos estrangeiros e forasteiros (peregrinos), como os nossos antepassados.

Os nossos dias na terra são como uma sombra, sem esperança”, 1Cr 29.15.

Nessa oração, Davi entendeu que a vida é tão rápida como uma sombra que passa! Esse princípio vale para todos nós! Por mais poderoso que alguém seja na terra, e tenha recursos financeiros para contratar o melhor plano de saúde, e os melhores médicos, num determinado dia irá enfrentar a morte.

O escritor da carta aos hebreus ao falar de Abraão e seus descendentes, fez menção de que eles foram “peregrinos na terra”, e, “habitantes de cabanas” – “Pela fé peregrinou na terra prometida como se estivesse em terra estranha; viveu em tendas, bem



como Isaque e Jacó, coerdeiros da mesma promessa”, Hb 11.9. Na língua grega temos a palavra “skene” – “tenda, tabernáculo, (feito de ramos verdes, ou peles de animais, ou outros materiais)” (BOL), palavra equivalente à “Sucá” na língua hebraica.

Porém algo que Abraão tinha consciência, e que, também nós precisamos ter, é que, mesmo sendo peregrinos na terra, caminhamos em direção à cidade celestial, construída por Deus para morada de seus santos – “Pois ele esperava a cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus”, Hb 11.10.

Fato significativo na vida de Abraão, é que ele recebeu promessas de Deus de que iria herdar muitas terras! Porém, a única terra que possuiu de fato, foi uma pequena gleba onde enterrou Sara, e, posteriormente foi enterrado! Na verdade, as promessas de Deus vieram se cumprir apenas mais tarde na vida de seus descendentes, aqueles que de fato habitaram a terra da promessa!

Vivemos como forasteiros e peregrinos na terra, e, precisamos entender que nossa vida é muito breve – “Os anos de nossa vida chegam a setenta, ou a oitenta para os que têm mais vigor; entretanto, são anos difíceis e cheios de sofrimento, pois a vida passa depressa, e nós voamos”, Sl 90.10.

“O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então – para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa – eu cultivo certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto” (Clarice Lispector).

Ilustração: Sócrates, filósofo grego do século V a.C., foi condenado à morte devido seus ideais de levar o conhecimento para os cidadãos gregos. Para ele o conhecimento era limitado pela ignorância. Acusaram-no de corromper a mocidade, de desrespeitar os deuses, e, da prática de inovações religiosas.

Deveria morrer tomando um copo de cicuta, um veneno mortal da época! Seu carrasco olhando para ele disse: Você vai morrer! Ele simplesmente respondeu: Você também!

A morte é apenas uma questão de tempo! Chegará a todos de maneira muito rápida! Porém, feliz é aquele que consegue, por meio de Jesus, passar da morte para a vida – “Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida”, Jo 5.24.

No decorrer da festa de Sucot, assim como nas outras festas, ofertas e sacrifícios eram oferecidos a Deus. O destaque está nas

“ofertas queimadas”, nas quais, as oferendas eram queimadas por inteiro no altar,

Lv 23.36, “Durante sete dias apresentem ao Senhor ofertas preparadas no fogo, e no oitavo dia façam outra reunião sagrada, e também apresentem ao Senhor uma oferta preparada no fogo. É reunião solene; não realizem trabalho algum”.

Em resumo, a “Sucot”, ou festa dos tabernáculos, nos ensina o quanto somos dependentes de Deus nesse mundo! Pensando bem, não passamos de peregrinos e forasteiros, cujo objetivo é alcançarmos a Jerusalém celestial, morada eterna de todos os santificados por Cristo,

Hb 12.22-24, “<sup>22</sup> Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, <sup>23</sup> à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus. Vocês chegaram a Deus, juiz de todos os homens, aos espíritos dos justos aperfeiçoados, <sup>24</sup> a Jesus, mediador de uma nova aliança, e ao sangue aspergido, que fala melhor do que o sangue de Abel”.

Voltamos novamente nossa atenção ao filho arrependido que voltou. Podemos dizer que o moço, assim como todos nós, somos vítimas do pecado que entrou no mundo, quando ocorreu a queda de nossos primeiros pais,

Rm 5.12, “Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram”.

A partir da Queda, e em razão do pecado, todo homem morreu física e espiritualmente! Esse homem caído, morto, somente tem condições de reviver novamente, através da graça de Deus, e por meio da fé em Cristo Jesus – “<sup>1</sup> Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados. <sup>4</sup> Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, <sup>5</sup> nos deu vida juntamente com Cristo, quando ainda

estávamos mortos em transgressões - pela graça vocês são salvos”, Ef 2.1,4-5. O próprio Jesus afirmou: “quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente”, Jo 11.26.

Dois fatores importantes a considerar:

- Com a Queda, o homem perdeu a comunhão com Deus, perdeu o domínio sobre a terra, e perdeu o direito ao jardim. No início, podemos observar que Deus se fazia presente andando pelo jardim, e estabelecendo diálogo com o homem – “Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-



se da presença do Senhor Deus entre as árvores do jardim”, Gn 3.8.

Com o pecado as coisas mudaram! Foram expulsos do Jardim, e por consequência saíram da presença de Deus – “Por isso o Senhor Deus o mandou embora do jardim do Éden para cultivar o solo do qual fora tirado”, Gn 3.23. Os efeitos da Queda e da expulsão do jardim são numerosos e alarmantes.

O pecado passou a afetar todos os aspectos do nosso ser:

Afetou nossa vida na terra,

Gn 3.15-19, “<sup>16</sup> À mulher, ele declarou: Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará. <sup>17</sup> E ao homem declarou: Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. <sup>18</sup> Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. <sup>19</sup> Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará”.

Efeitos físicos:

- Dores de parto na mulher ao dar a luz;
- Submissão incondicional da mulher para com seu marido;
- Maldição sobre a terra, que passou a produzir “espinhos e ervas daninhas”;
- Trabalho penoso para homem;
- Morte física.

Afetou nosso destino eterno,

Ap 22.15, “Fora ficam os cães, os que praticam feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os

idólatras e todos os que amam e praticam a mentira”.

Um dos problemas imediatos ocasionados pela Queda foi a separação do homem de Deus. No Jardim do Éden, Adão e Eva viviam em perfeita comunhão com o Criador. Ao se rebelarem contra ele, a comunhão foi quebrada, se tornaram conscientes do seu pecado, e, ficaram envergonhados.

Em princípio tentaram se esconder – “Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, se esconderam da presença do Senhor Deus entre as árvores do jardim”, Gn 4.8. Desde

então, o homem tem se escondido de Deus, vivendo separado dele, e, a pergunta que sempre ressoa é a seguinte: “onde você está?”.

A única maneira da comunhão com Deus ser restaurada, é através de Cristo! Quando cremos nele e em seu sacrifício no Calvário, nos tornamos pela fé, justos e sem pecado, assim como Adão e Eva eram antes de pecar! Em Cristo, retornamos à mesa da comunhão com o Senhor.

Paulo afirma que “fomos aproximados” pelo sangue de Cristo, - “Mas agora, em Cristo Jesus, vocês, que antes estavam longe,

foram aproximados mediante o sangue de Cristo”, Ef 2.13.

Um dos anseios revelados pelo Senhor na oração sacerdotal, tinha a ver com a comunhão plena entre Ele, o Pai, e seus seguidores - <sup>19</sup> Em favor deles eu me santifico, para que também eles sejam santificados pela verdade. <sup>20</sup> Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, <sup>21</sup> para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”, “Jo 17.19-21.

Outra aliada da Queda é a morte! Ela se tornou uma realidade! Toda a criação, e não somente o homem, agoniza diante da morte - "Porque o salário do pecado é a morte", Rm 6.23a. Todos morrem - homens, animais, inclusive a vida vegetal - "Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto", Rm 8.22.

Porém, aguardamos o momento em que Cristo voltará para libertar sua criação dos efeitos desastrosos da morte – <sup>19</sup> A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. <sup>20</sup> Pois ela foi submetida à futilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança <sup>21</sup> de que a própria natureza criada será libertada

da escravidão da decadência em que se encontra para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus”, Rm 8.19-21.

Outro problema relacionado à Queda foi a perda da finalidade para a qual fomos criados. O propósito de Deus ao criar o homem foi para glorificá-lo, e para desfrutar de suas bênçãos para sempre – “Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém”, Rm 11.36; “Todas as nações que tu formaste virão e te adorarão, Senhor, glorificarão o teu nome”, Sl 86.9.

Ainda, com a Queda, o homem se tornou extremamente egoísta, cometendo muitos



outros crimes contra si mesmo, contra seus semelhantes, e contra Deus. Uma das vertentes do pecado é fazer com que o homem viva em função de si mesmo. Tal fato é confirmado na forma de como vivemos nossas vidas. Chamamos a atenção para nós mesmos, para as nossas intensões, qualidades, e realizações, ao mesmo tempo em que subvalorizamos e desprezamos os outros.

Minimizamos os nossos defeitos e supervalorizamos defeitos alheios. Buscamos favores especiais, e melhores oportunidades na vida! Queremos vantagens extras que ninguém mais tem, e exigimos vigilância por nossos desejos e necessidades, ao mesmo

tempo em que ignoramos tudo o que é dos outros!

Em suma, nos colocamos no trono de nossas vidas, e usurpamos o papel de Deus.

Quando Adão escolheu se rebelar contra Deus, perdeu sua inocência, incorreu em pena de morte tanto física, quanto espiritual, e sua mente foi obscurecida pelo pecado! Assim também aconteceu com as mentes de seus sucessores, que por acaso, somos nós.

O apóstolo Paulo falando sobre o homem distante de Deus disse: “E assim como eles rejeitaram o conhecimento de Deus, Deus,

por sua vez, os entregou a um sentimento depravado”, Rm 1.28.

Preocupo-me com seguinte frase no texto de Paulo: “os entregou a um sentimento depravado”. Tal frase indica Deus abandonando aqueles que vivem na depravação, e, aprofundados no egocentrismo e no pecado! O termo “depravado” vem do grego “adokimos”, e significa “aquilo que quando testado, não é aprovado tal como deveria”, “reprovado”, “desqualificado”, “falso”, “espúrio”, “condenado”.

Falando aos Coríntios, Paulo afirmou que “o deus deste século cegou os entendimentos

dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”, 2Co 4.4. Ele ainda lembrou aos irmãos de Éfeso que, antes de terem a Cristo viviam em trevas, mas que, agora deveriam se portar como “filhos da luz”: “outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz”, Ef 5.8.

- Se na Queda o homem perdeu a comunhão, a filiação, e o direito ao Jardim, em Jesus Cristo ele pode retornar à comunhão com Deus, e passa a ser tratado como filho! O moço deixou o jardim – a casa do pai para mais tarde retornar, onde foi recebido com as honras de um verdadeiro filho que era!

O jardim que foi perdido em Adão reaparece novamente em Jesus Cristo, e, com toda a sua beleza, singularidade, e grandeza – “Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus”, Ap 2.7.

O desfrute da árvore da vida, perdido em Adão, se torna novamente possível, ao entregamos nossa vida a Cristo! Recebemos de volta “o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus” – “Venham, todos vocês que estão com sede, venham às águas; e, vocês que não possuem dinheiro algum, venham, comprem e comam! Venham,

comprem vinho e leite sem dinheiro e sem custo”, Is 55.1.

Na parábola, observamos que tudo o que o moço perdeu com sua vida insana e devassa, lhe foi devolvido pelo pai. Alguém já disse que ele perdeu tudo, menos o pai! O mesmo princípio pode ser visto em Cristo! Não importa o quanto tenhamos perdido, por onde possamos ter andado, ou o para onde descemos! Também, não importa ainda o quanto pecamos! Tudo podemos recuperar em Cristo!

Em Cristo, Deus nos perdoa, nos restaura, e nos trata como se nunca houvéssemos feito nada de errado,

Mt 11.29-30, <sup>28</sup> "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. <sup>29</sup> Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. <sup>30</sup> Pois, o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

A tranquilidade e o descanso perdidos no Édem são oferecidos novamente pelo Salvador! Esta é a grandeza de Deus! Ao nos voltarmos arrependidos, quebrantados, somos acolhidos e restaurados à posição original, para vivermos novamente tudo quanto perdemos – <sup>18</sup> Venham, vamos refletir

juntos, diz o Senhor. Embora os seus pecados sejam vermelhos como escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; embora sejam rubros como púrpura, como a lã se tornarão. <sup>19</sup> Se vocês estiverem dispostos a obedecer, comerão os melhores frutos desta terra”, Is 1.18-19.

Se a expulsão do jardim foi em razão da desobediência, ao obedecermos a Cristo, somos trazidos de volta e restaurados! A disposição em obedecer, nos levará à verdadeira comunhão com Deus, e, ao desfrute de suas incontáveis bênçãos – “Se vocês estiverem dispostos a obedecer, comerão os melhores frutos desta terra”.



Observe que os “melhores frutos da terra” não são preparados para os rebeldes, e aqueles que estão separados de Deus, mas, para os obedientes! Aos rebeldes resta o juízo de Deus – “Deus dá um lar aos solitários, liberta os presos para a prosperidade, mas os rebeldes vivem em terra árida”, Sl 68.6.

O nosso perdão e restauração surgem, não porque merecemos, ou porque sejamos bonzinhos, mas sim, graças ao amor, bondade, e misericórdia de Deus - “Que o ímpio abandone seu caminho, e o homem mau, os seus pensamentos. Volte-se ele para o Senhor, que terá misericórdia dele; volte-se para o nosso Deus, pois ele perdoará de bom grado”, Is 55.7.

A palavra “misericórdia” neste texto de Isaías vem do hebraico “racham”, e tem o sentido de “ter compaixão”, “ser compassivo”, “amar profundamente”, “ter afeição terna”. De acordo com Paulo, Deus não apenas tem misericórdia, mas é rico em “misericórdia” – “Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou”, Ef 2.4.

Deus nos ama profundamente e deseja o nosso retorno, para receber dele tudo quanto perdemos no jardim – “Voltem-se para mim e sejam salvos, todos vocês, confins da terra; pois eu sou Deus, e não há nenhum outro”, Is 45.22! Como Deus Único, só ele tem o poder de salvar - <sup>10</sup> ... Antes de mim nenhum deus

se formou, nem haverá algum depois de mim.

<sup>11</sup> Eu, eu mesmo, sou o Senhor, e além de mim não há salvador algum”, Is 43.10-11.

Como Deus age em relação aos nossos pecados:

- Enquanto o perdão humano pode ser reconsiderado e tirado, dependendo da maneira como lidamos com o problema, o perdão de Deus é semelhante a um apagador – “Sou eu, eu mesmo, aquele que apaga suas transgressões, por amor de mim, e que não se lembra mais de seus pecados”, Is 43.25.

O verbo “apagar” vem do termo hebraico “machah”, e significa “limpar”, “exterminar”, “extirpar”, “apagar da memória”. Quando somos perdoados por Jesus, não fica qualquer registro de nossos pecados diante de Deus. Diante do perdão divino, nossos pecados são removidos para sempre!

Outro termo importante no texto de Isaías é o verbo lembrar, que vem do hebraico “zakar”, com o significado de “manter na lembrança”, “fazer um memorial”, “estar no pensamento”, “ser trazido à mente”. Além de Deus apagar nossos pecados, ele jamais voltará a se lembrar deles,

Hb 10.17, “Dos seus pecados e iniquidades não me lembrarei mais”.

Hb 8.12, “Porque eu lhes perdorei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados”.

- Quando somos perdoados, Deus lança os nossos pecados nas profundezas do mar – “De novo terás compaixão de nós; pisarás as nossas maldades e atirarás todos os nossos pecados nas profundezas do mar”, Mq 7.19.

O lugar mais profundo do oceano é superior à altura dos montes Himalaias! O monte mais alto da Cordilheira dos Himalaias é o monte

Everest, que mede 8.849m! É praticamente impossível ao ser humano chegar às maiores profundezas marítimas, nem mesmo utilizando aparelhos altamente sofisticados, porque a pressão da água explodiria esses aparelhos.

Para exemplificar, lembramos aqui de um fato recente ocorrido com um submarino da OceanGate, numa missão de exploração ao Titanic. O submarino enviado a essa missão, explodiu a aproximadamente 3.800m de profundidade devido à pressão das águas, fazendo com que ele e seus ocupantes virassem pó!

Deus coloca nossos pecados num lugar onde ninguém é capaz de acessar. Ele não faz cobranças, apenas oferece perdão! Deus não lança em rosto uma lista com registro de falhas e erros. Em Cristo nos tornamos uma nova criação - “se alguém está em Cristo nova criação é, as coisas velhas já passaram eis que tudo se fez novo”, 2Co 5.17.

- Outra comparação que exemplifica como Deus afasta nossos pecados e transgressões, pode ser vista no exemplo dado por Jesus, que é a distância entre o Oriente e o Ocidente – “e como o Oriente está longe do Ocidente, assim ele afasta para longe de nós as nossas transgressões”, Sl 103.12.

Esta é a grande beleza da vida cristã - o cristão não tem passado! Quantos e quantos crentes carregam culpas de pecados que cometeram lá atrás, e se esquecem de que Deus já os perdoou! Quando cremos em Jesus como Senhor e Salvador, Deus apaga nosso passado.

Embora Deus nos perdoe, muitas vezes somos nós que não conseguimos nos perdoar, e nos aceitar! Quantas vezes, sofremos amargamente revolvendo monturos e mazelas antigas. Assim como Davi, em um momento de extrema angústia, ficamos presos a pecados já perdoados por Deus, atraindo pesos de culpa que nos incomodam e nos atormentam – “Pois eu mesmo



reconheço as minhas transgressões, e o meu pecado sempre me persegue”, Sl 51.3.

Não podemos permitir que pecados do passado nos persigam e nos agonizem! Deus já perdoou cada uma de nossas mazelas, e para ele, elas não mais existem!

## CONCLUSÃO

Podemos afirmar que Deus respeita, ama, e restaura. Muitos de nós, às vezes estamos na mesma situação do moço da parábola por usarmos de maneira errada nossa liberdade. Com isso perdemos a alegria da vida, rompemos com Deus, e vivemos distante dele.

Viver distante de Deus é desperdiçar o melhor da vida. O mundo, embora seja muito atraente, bonito, e tremendamente agradável, é traiçoeiro e enganoso – “Tenham cuidado, para que os seus corações não fiquem carregados de libertinagem, bebedeira e

ansiedades da vida, e aquele dia venha sobre vocês inesperadamente”, Lc 21.34.

Na minha infância, usávamos um tição para atrair vagalumes, e, quando eles chegavam perto de nós, os abatíamos, e, os colocávamos num vidro, e muitos deles morriam!

O mundo age assim, é um lusco-fusco tão fascinante em que a pessoa é atraída aos seus encantos, e perde sua vida e mocidade. Os presídios e cemitérios estão cheios de pessoas que usaram mal sua liberdade, e desperdiçaram a vida! Muitos descobriram tarde demais o buraco profundo em que haviam caído!

Você que é jovem, adolescente, e está gastando sua vida longe de Deus, precisa saber que sua escolha não é boa, e não lhe trará qualquer futuro promissor. Você que é adulto e caminha distante de Deus, está perdendo a oportunidade de consertar a vida e desfrutar o melhor dessa terra.

O mais importante no Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, não é o seu poder, não é a sua capacidade de mandar alguém para o inferno, mas sim, o mais impressionante em Deus, é a sua imensa capacidade de amar, de perdoar e de restaurar,

Os 11.1-4, “<sup>1</sup> Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho. <sup>2</sup> Mas, quanto mais eu o chamava, mais eles se afastavam de mim. Eles ofereceram sacrifícios aos baalins e queimaram incenso os ídolos esculpados. <sup>3</sup> Mas fui eu quem ensinou Efraim a andar, tomando-o nos braços; mas eles não perceberam que fui eu quem os curou. <sup>4</sup> Eu os conduzi com laços de bondade humana e de amor; tirei do seu pescoço o jugo e me inclinei para alimentá-los”.

Alguém já disse que o ponto fraco de Deus é a sua misericórdia. As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos – “<sup>22</sup> Graças ao grande amor do Senhor é que não somos consumidos, pois as

suas misericórdias são inesgotáveis.  
<sup>23</sup> Renovam-se cada manhã; grande é a tua fidelidade!”, Lm 3.22-23. Quando nos quebrantamos, movemos o coração de Deus – “Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás”, Sl 51.17.

Se você precisa de perdão, de restauração, Deus pode te dar o perdão e a restauração na pessoa de Jesus Cristo. Faça apenas uma coisa, dê o primeiro passo, e com certeza o resto será com ele.

Foi o que o moço fez, “levantar-me-ei e irei ter com meu pai”, a partir deste momento a coisa

estava nas mãos do pai. Se você der o primeiro passo, tudo estará nas mãos de Deus.